



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - INGLÊS

EDMUNDO PEREIRA DOS SANTOS

**LOUCURA, MORTE, VINGANÇA E JUSTIÇA EM *OS DE MACATUBA*: VESTÍGIOS  
HAMLETIANOS EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS DE TARCÍSIO GURGEL**

CARAÚBAS

2024

**EDMUNDO PEREIRA DOS SANTOS**

**LOUCURA, MORTE, VINGANÇA E JUSTIÇA EM *OS DE MACATUBA*: VESTÍGIOS  
HAMLETIANOS EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS DE TARCÍSIO GURGEL**

Monografia apresentada a Universidade  
Federal Rural do Semi-Árido como requisito  
para obtenção do título de Licenciatura em  
Letras-Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva.

**CARAÚBAS**

2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

d2371 dos Santos, Edmundo Pereira.

Loucura, Morte, Vingança e Justiça em Os de Macatuba: Vestígios Hamletianos em contos contemporâneos de Tarcísio Gurgel / Edmundo Pereira dos Santos. - 2024.  
47 f. : il.

Orientador: Eldio Pinto da Silva.  
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Inglês, 2024.

1. Os de Macatuba. 2. Contos contemporâneos. 3. Vestígios Hamletianos. I. da Silva, Eldio Pinto, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo autor.  
Biblioteca Campus Caraúbas  
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues  
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Edmundo Pereira dos Santos

**LOUCURA, MORTE, VINGANÇA E JUSTIÇA EM *OS DE MACATUBA*: VESTÍGIOS  
HAMLETIANOS EM CONTOS CONTEMPORÂNEOS DE TARCÍSIO GURGEL**

Monografia apresentada a Universidade  
Federal Rural do Semi-Árido como requisito  
para obtenção do título de Licenciatura em  
Letras-Inglês.

Defendida em: 01/ 10 /2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva (UFERSA)  
Presidente da banca e orientador de TCC

---

Me. Paulo Henrique Raulino dos Santos (UFERSA)  
1º Examinador

---

Ma. Jéssica Girlaine Guimarães Leal (UFERSA)  
2º Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha família, minha mãe, Elizangela Pereira de Oliveira, meu pai, Damião Laurentino dos Santos, e a minha namorada, Laiza Carvalho, por confiarem em mim.

Agradeço ao meu Professor, orientador, Eldio Pinto da Silva, por ser meu "Padrinho Acadêmico" e por tudo que tem feito durante minha jornada acadêmica.

Agradeço a Banca Examinadora, por fazerem parte da culminância da minha graduação.

Agradeço aos meus amigos e colegas de classe: Annayla Medeiros; Davi Edson Tavares; Jhenifer Lourrany; Amanda Gomes e demais colegas por terem feito essa graduação ser mais agradável.

Agradeço também aos meus professores de Literatura: Paulo Henrique Raulino e Pedro Martins Pone, por todos os ensinamentos nas disciplinas e extensões de literatura.

Agradeço ao professor Diego César Leandro, pelo apoio dado na disciplina de pré-projeto; ao professor Jeová Araújo, pelos ensinamentos e incentivos, e a professora Jéssica Girlaine, pelos ensinamentos e conselhos.

Agradeço, por último, mas não menos importante, ao professor Fernando Cordeiro, pela acolhida desde o primeiro dia de aula.

## RESUMO

A presente monografia tem por objetivo analisar os contos contemporâneos “Um mensageiro”; “Pela hora da morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, em *Os de Macatuba* (2003), de Tarcísio Gurgel, com vistas a identificar vestígios hamletianos como loucura, morte, vingança e justiça. Destaca-se que *Os de Macatuba* constitui uma série de contos ambientados na cidade fictícia de Macatuba, no interior do Rio Grande do Norte. A obra narra as histórias de diversos personagens que vivem sob o domínio da violência, da religiosidade e da cultura popular, estes que podem estar relacionados com os elementos hamletianos. Para a realização deste estudo, foi decidido a produção de uma pesquisa de caráter bibliográfico com foco exploratório-descritivo na qual estuda e evidencia os vestígios hamletianos presentes na obra de Tarcísio Gurgel como continuidade do passado literário shakespeariano. Como pressupostos teóricos, utilizamos os estudos de Aline Sengik e Flávia Ramos (2015) para entender sobre o tema morte na literatura; o trabalho de Rodrigo Cintra (2011), que fala da dimensão trágica da justiça nas obras de Shakespeare; a tese de Pablo Corroche (2013), que discute a manifestação da loucura em *Hamlet* e os escritos de Emily Fabris (2018), que fala sobre o tema vingança sob a perspectiva hamletiana. Os resultados esperados são identificar e interpretar os vestígios hamletianos na obra de Gurgel; avaliar a originalidade e a relevância da sua proposta estética e ética; contribuir para o reconhecimento e a valorização da sua obra no âmbito da literatura brasileira e universal.

**Palavras-chave:** Os de Macatuba, Contos contemporâneos, Vestígios Hamletianos.

## ABSTRACT

This monograph aims to analyze the contemporary short stories "Um mensageiro" (A Messenger), "Pela hora da morte" (At the Hour of Death), and "Por uma quartinha com água serenada" (For a Jug with Calm Water) from Tarcísio Gurgel's work *Os de Macatuba* (2003). The objective is to identify Hamletian traces such as madness, death, revenge, and justice. *Os de Macatuba* consists of a series of stories set in the fictional town of Macatuba, located in the interior of Rio Grande do Norte, Brazil. The narratives depict various characters living under the influence of violence, religiosity, and popular culture, elements that may be related to Hamletian themes. To conduct this study, a bibliographic research with an exploratory-descriptive focus was chosen. The analysis highlights the Hamletian traces present in Tarcísio Gurgel's work as a continuation of Shakespearean literary tradition. The theoretical framework draws from the studies of Aline Sengik and Flávia Ramos (2015) on death in literature, Rodrigo Cintra's work (2011) discussing the tragic dimension of justice in Shakespeare's plays, Pablo Corroche's thesis (2013) exploring madness in *Hamlet*, and Emily Fabris's writings (2018) on revenge from a Hamletian perspective. The expected outcomes include identifying and interpreting the Hamletian elements in Gurgel's work, evaluating the originality and relevance of his aesthetic and ethical proposal, and contributing to the recognition and appreciation of his literary contribution within Brazilian and universal literature.

**Keywords:** *Os de Macatuba*; contemporary short stories; Hamletian traces.

## SUMÁRIO

|            |                                                                           |           |
|------------|---------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                   | <b>8</b>  |
| <b>1.1</b> | <b>Tarcísio Gurgel, uma biografia ética .....</b>                         | <b>11</b> |
| <b>2</b>   | <b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>                                        | <b>13</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Exaltar a literatura Potiguar .....</b>                                | <b>14</b> |
| <b>2.2</b> | <b>A manifestação da loucura .....</b>                                    | <b>15</b> |
| <b>2.3</b> | <b>A morte na literatura .....</b>                                        | <b>16</b> |
| <b>2.4</b> | <b>A vingança em <i>Hamlet</i> .....</b>                                  | <b>17</b> |
| <b>2.5</b> | <b>A justiça hamletiana .....</b>                                         | <b>18</b> |
| <b>3</b>   | <b>METODOLOGIA .....</b>                                                  | <b>20</b> |
| <b>4</b>   | <b>ANÁLISE DOS VESTÍGIOS .....</b>                                        | <b>21</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Vestígios hamletianos em “Pela Hora da Morte” .....</b>                | <b>22</b> |
| <b>4.2</b> | <b>Vestígios hamletianos em “Um Mensageiro” .....</b>                     | <b>28</b> |
| <b>4.3</b> | <b>Vestígios hamletianos em “Por uma Quartinha com Água Serenada”....</b> | <b>35</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                         | <b>42</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                   | <b>45</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe analisar elementos hamletianos<sup>1</sup> em contos contemporâneos presentes na obra *Os de Macatuba* (1975, primeira edição), de Tarcísio Gurgel<sup>2</sup>. Destaca-se que a obra se trata de uma série de contos ambientados na cidade fictícia de Macatuba, no interior do Rio Grande do Norte. A obra narra as histórias de diversos personagens que vivem sob o domínio do coronelismo, da violência, da religiosidade e da cultura popular, elementos estes, que podem estar relacionados com os elementos hamletianos. Entre esses personagens, destaca-se Lustosa, protagonista do conto “Por uma quartinha com água serenada”, um homem que vivia feliz com a sua amada, até um fatídico acontecimento que fez ele enlouquecer e buscar por justiça através da vingança<sup>3</sup>, essa busca em fazer justiça com as próprias mãos, levou a trágica morte de Lustosa, o que nos leva a observar uma série de acontecimentos que também ocorrem com Hamlet.

Outro conto com uma influência hamletiana é "Pela hora da morte", que conta a história de uma mãe que lamenta a morte do filho e conversa com os mortos, lembrando as cenas em que Hamlet dialoga com o crânio de Yorick e com o fantasma do seu pai. Além disso, no conto "Um Mensageiro", somos apresentados a Everaldo, um carteiro com habilidade de compor e recitar versos, assim como Hamlet. Nesse conto, vemos vestígios<sup>4</sup> hamletianos, tais como a loucura<sup>5</sup> e o amor platônico da personagem Mafisa, que é louca de amor por Everaldo, assim como Ofélia é loucamente apaixonada por Hamlet; além de que, nesse mesmo conto, temos a personagem Constância, esposa de Everaldo e mãe de Ofélia, que age de forma similar a Polônio de *Hamlet*, desencorajando o amor de Mafisa. Acúmulo de fatos estes que são similares aos que ocorrem em *Hamlet*.

Sabendo disso, temos alguns indícios que *Os de Macatuba* pode apresentar vestígios hamletianos em alguns contos e em seus respectivos personagens, especialmente em Lustosa

---

<sup>1</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é algo relativo a *Hamlet*, personagem da obra de mesmo nome do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616).

<sup>2</sup> De acordo com o autor Macedo (2018), Tarcísio Gurgel é um escritor, professor e pesquisador brasileiro, nascido em Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1946. Ele é autor de diversas obras, entre elas, *"Informação da Literatura Potiguar"*, considerada a mais completa história da literatura do estado, e *"Os de Macatuba"*, seu primeiro livro, que recebeu o prêmio Othoniel Menezes da Academia Norte-Riograndense de Letras. Tarcísio Gurgel é considerado um escritor de duas cabeças, pois produziu literatura exclusivamente em Natal, mas inspirado no universo mítico de Mossoró, onde nasceu e participou de movimentos culturais.

<sup>3</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de ato lesivo, praticado em nome próprio ou alheio, por alguém que foi real ou presumidamente ofendido ou lesado, em represália contra aquele que é ou seria o causador desse dano; desforra, vindita.

<sup>4</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de qualquer marca, sinal de alguém que passou ou de algo que sucedeu.

<sup>5</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de, distúrbio, alteração mental caracterizada pelo afastamento mais ou menos prolongado do indivíduo de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir. Sentimento ou sensação que foge ao controle da razão.

que se assemelha muito ao próprio Hamlet. Outrossim, Ofélia, personagem com nome idêntico à personagem Ofélia de *Hamlet*, de William Shakespeare. Outro fator que fundamenta os vestígios hamletianos, é a opinião do crítico literário Gilberto Teles: “Como cenas “reais” da vida pacata de Macatuba, cidade que aceita o seu destino verbal de maktub e se fecha sobre si como o silêncio de Hamlet na solidão do texto literário”. (Teles, 2003, p. 21).

Gilberto Mendonça Teles fala do silêncio de Hamlet na solidão do texto literário, ao mencionar isso ele se refere à habilidade de Tarcísio Gurgel em *Os de Macatuba*, onde ele enuncia e logo em seguida “cala”, isto é, enunciamentos que geram reações silenciosas, silêncio esse que ecoa mais do que palavras:

Os de Macatuba. O título já é bem um modelo semântico das narrativas que o compõem: enuncia e cala, ao mesmo tempo. Enuncia um espaço estético e humano na cidade imaginária de Macatuba; e cala as ações e reações daqueles. Os (homens, habitantes, personagens?) que integram a comunidade retórica da obra. (Teles, 2003, p. 17).

Esse “calar” das ações e reações é algo muito visto em *Hamlet*, visto que após as tragédias, poucos sobram para ecoar os acontecimentos. Apesar das semelhanças das obras, surgem desafios no que tange o conhecimento dessas semelhanças entre os leitores. *Os de Macatuba* apresenta vestígios hamletianos, tais como os temas loucura, morte<sup>6</sup>, vingança e justiça<sup>7</sup> em seus contos, mas poucos leitores têm noção disso.

A complexidade e a origem das obras causam indagações sobre a possibilidade de encontrar elementos que possam aproximar alguns contos de “*Os de Macatuba*”, com temáticas expostas em *Hamlet*, por serem de roupagem e universos distintos. Apesar disso, *Os de Macatuba* pode apresentar alguns vestígios hamletianos, tais como a loucura, a morte, a justiça e a vingança. Como, por exemplo, a justiça, que é questionada tanto por Lustosa, que se vê na obrigação de fazer justiça com as próprias mãos, quanto por Hamlet, que hesita em matar Cláudio, pois não tem certeza de sua culpa.

Dessa forma, este trabalho se insere no campo dos estudos literários comparados. Nesse sentido, busca-se analisar os contos “Um mensageiro”; “Pela hora da Morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, presentes na obra *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, publicada em 1975, e evidenciar os vestígios hamletianos, considerando os aspectos

---

<sup>6</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata da interrupção definitiva da vida de um organismo. Fim da vida humana.

<sup>7</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages* se trata de qualidade do que está em conformidade com o que é direito; maneira de perceber, avaliar o que é direito, justo.

estruturais, temáticos e simbólicos que evidenciam a influência do drama elisabetano<sup>8</sup> *Hamlet* na literatura potiguar.

O tema escolhido é importante e interessante por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque permite explorar a riqueza e a diversidade da produção literária brasileira. Em segundo lugar, porque possibilita estabelecer um diálogo entre duas obras de gêneros distintos (contos e peça), mas que apresentam elementos comuns, tais como a temática da vingança, da loucura, da morte e da justiça. Em terceiro lugar, porque contribui para o reconhecimento e a valorização da obra de Tarcísio Gurgel, escritor potiguar que se destaca pela sua originalidade e criatividade na construção de uma linguagem própria, marcada pela oralidade, pelo humor e pela ironia.

A lacuna que o estudo pretende preencher é a escassez de pesquisas acadêmicas que abordam a obra de Tarcísio Gurgel, especialmente a sua relação com *Hamlet*, de William Shakespeare, o maior dramaturgo da história da literatura. Apesar de existirem alguns estudos que mencionam a influência de Shakespeare na literatura brasileira, poucos se dedicam a analisar especificamente a obra *Os de Macatuba*, que é considerada uma das mais importantes e representativas da literatura potiguar. Há também, a lacuna de estudos na UFERSA. Assim, o estudo se propõe a preencher essa lacuna, oferecendo uma leitura crítica com vistas a encontrar os vestígios hamletianos. Levando isso em consideração, este trabalho monográfico tem como objetivo geral analisar elementos hamletianos nos contos “Um mensageiro”; “Pela hora da morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, presentes em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, com vistas a identificar vestígios como a loucura, a morte, a vingança e a justiça.

Ao que tange os objetivos específicos, busca-se: (a) Identificar as características hamletianas nos contos contemporâneos “Um mensageiro”; “Pela hora da Morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel; (b) Estabelecer as semelhanças e as diferenças em temas como loucura, da morte, da justiça e da vingança de alguns contos de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, com os da obra *Hamlet*, de William Shakespeare; (c) Interpretar os símbolos e as metáforas utilizados em alguns contos de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, que evidenciam a influência da peça *Hamlet*, de William Shakespeare, na narrativa potiguar<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é algo próprio de ou relativo à rainha Elizabeth I (Isabel) da Inglaterra 1533-1603, ou à época do seu reinado; elisabetano, isabelino.

<sup>9</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, Potiguar é o nome dado a pessoa que nasce no Rio Grande do Norte, a palavra vem da língua indígena Tupi, uma das tribos originárias do estado, e seu significado é aquele que come camarão, pois é o principal crustáceo da região. m.q. RIO-GRANDENSE-DO-NORTE.

Como fundamentação teórica, temos Aline Sengik e Flávia Ramos (2015); Rodrigo Cintra (2011); Pablo Corroche (2013); Emily Fabris (2018) e Helton Macedo (2018), que são essenciais para a compreensão e análise de temas hamletianos. Aline Sengik e Flávia Ramos (2015) é um referencial para entender sobre o tema “morte” na literatura; Rodrigo Cintra (2011) fala da dimensão trágica da justiça nas obras de Shakespeare; Pablo Corroche (2013) discute a manifestação da loucura em *Hamlet*; Emily Fabris (2018) fala sobre o tema “vingança” sob a perspectiva hamletiana, enquanto Helton Macedo (2018) fala sobre a história e vida de Tarcísio Gurgel. Além disso, discute como Tarcísio Gurgel utiliza elementos da realidade regional e nacional para construir sua ficção, criando um diálogo entre o local e o universal.

Em concordância com Severino (2014), a pesquisa será realizada a partir de uma metodologia de caráter bibliográfico, com foco exploratório-descritivo na qual analisa os contos “Um mensageiro”, “Pela hora da Morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, da obra *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, e evidencia os vestígios hamletianos presentes nos mesmos, tais como a loucura, a morte, a vingança e a justiça. Vale salientar que esses vestígios são originários da obra *Hamlet*, de William Shakespeare, fato que marca a importância da mesma nesse estudo. A metodologia exploratória propõe evidenciar os vestígios hamletianos, de modo a propiciar maior compreensão sobre os mesmos, tornando-os mais evidentes. Além disso, a metodologia desta pesquisa consiste na revisão de literatura, na coleta e na análise de dados textuais.

Enfim, o trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo este o capítulo introdutório, onde em seguida abordaremos a biografia do autor de *Os de Macatuba*, Tarcísio Gurgel, para fins de contextualização. No capítulo de Fundamentação Teórica, dissertaremos de teorias relacionadas à análise literária dos vestígios hamletianos em *Os de Macatuba*. No capítulo de Metodologia, trataremos dos procedimentos metodológicos adotados na realização da pesquisa. No capítulo alusivo aos Resultados e Discussão, teremos a análise literária dos vestígios hamletianos presentes nos contos contemporâneos de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel. Por fim, nas Considerações Finais, pontuamos os aspectos mais importantes entre os resultados da análise dos vestígios na obra *Os de Macatuba*.

### **1.1 Tarcísio Gurgel, uma biografia ética**

Tendo como base a biografia de Tarcísio Gurgel presente em *Os de Macatuba* (2003), Tarcísio Gurgel é um escritor, professor e pesquisador brasileiro, cuja contribuição para a literatura e cultura do Rio Grande do Norte é de suma importância. Nascido em Mossoró,

Gurgel tem uma carreira literária diversificada, abrangendo desde contos e romances até trabalhos teatrais e poesia, embora tenha se afastado desta última forma de expressão há algum tempo.

Tarcísio, mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1963, onde trabalhou como revisor no Jornal do Brasil. Transferiu-se para Natal e passou a trabalhar junto aos meios literários da cidade. Fez pós-graduação na PUC/RJ, defendendo tese sobre a poesia de Murilo Mendes. Tarcísio Gurgel foi professor da UFRN, onde lecionava nos cursos de Letras e cargos administrativos de relevo, como Comunicação Social, tendo ocupado pró-reitor estudantil e diretor cultural da Fundação José Augusto. Na UFRN, além de ter exercido docência por mais de 30 anos, trabalhou em três programas da TV Universitária (TVU), sendo eles: *Memória Viva*, idealizado como uma “conversa de calçada”, conta com mais de 400 edições. Outro foi *Leitura Dinâmica*, com entrevistas e comentários sobre livros variados; e, por fim, *Viajando o sertão*, que tinha a presença de cantadores do Rio Grande do Norte.

De acordo com Pedro Fernandes (2008), a obra de Gurgel mais significativa para os estudos literários do estado é frequentemente comparada à abordagem de Antonio Candido na reconstrução de uma história do sistema literário. Entre seus trabalhos notáveis destacam-se duas obras que são referências no campo das letras: *Informação da literatura potiguar*, que reflete criticamente a história e o desenvolvimento da literatura norte-riograndense; e *Belle Époque na esquina*, que analisa a repercussão e os desdobramentos do período cultural no espaço natalense até a chegada do regime republicano.

Como professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Gurgel também deixou sua marca no âmbito acadêmico, inspirando e formando novas gerações de estudantes e escritores. Seu envolvimento com o Teatro de Estudantes Amadores (Team) e sua peça *Chuva de bala no país de Mossoró* são testemunhos de seu compromisso com as artes cênicas e com a cultura local. Outras obras de destaque em sua bibliografia se incluem *O Eterno Paraíso* (1978), *Pai, filhos, espírito da coisa* (1988) e *Conto por conto* (1998), cada uma contribuindo de maneira única para o enriquecimento do patrimônio cultural e literário potiguar.

De acordo com Gurgel (2003), em 1966, Tarcísio Gurgel participou da primeira antologia dos contistas do Rio Grande do Norte, organizada por Nei Leandro de Castro, contista conhecido por sua originalidade. Tarcísio Gurgel possui a capacidade de transformar os pequenos episódios do cotidiano nordestino em um texto ágil e bem equilibrado, situado entre o picaresco, o grotesco e o dramático. Seu primeiro livro, *Os de Macatuba*, recebeu o

Prêmio Câmara Cascudo, em 1973, e é considerado um marco na ficção produzida no Rio Grande do Norte.

Em *Escritores Potiguaros: atos éticos em enunciados sobre a criação literária*, Helton Macedo (2018) examina a postura ética e os posicionamentos axiológicos de Gurgel, revelando um autor comprometido com a responsabilidade social e cultural. Gurgel é apresentado como um sujeito sócio-histórico que conforma seu fazer literário a partir de uma relação concreta com o mundo da vida, um conceito central na obra de Macedo.

O trabalho de Macedo (2018) destaca a importância de Gurgel no projeto de extensão *Voz e criação: escritores potiguaros e seus processos criativos*, onde sua voz literária é entendida como um ato ético que reflete uma consciência viva e responsiva. Gurgel, juntamente com outros autores como Diva Cunha e César Ferrario, é considerado um centro de valores, cujos enunciados literários são expressões de uma visão estética e um posicionamento frente à vida.

A biografia de Tarcísio Gurgel, portanto, não é apenas um registro de suas obras, mas também um testemunho de sua postura ética como escritor. Seus textos são vistos como atos éticos que contribuem para a construção de uma literatura engajada e responsável, que dialoga com os desafios e valores de sua comunidade.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como dito anteriormente, a pesquisa se beneficia da contribuição de diversos autores essenciais como Aline Sengik, Flávia Ramos, Rodrigo Cintra, Pablo Corroche, Emily Fabris e Helton Macedo. Eles oferecem percepções cruciais para entender temas relacionados a *Hamlet*. Aline Sengik e Flávia Ramos exploram a morte na literatura, Rodrigo Cintra aborda a dimensão trágica da justiça em Shakespeare, Pablo Corroche discute a loucura em *Hamlet*, Emily Fabris analisa a vingança na perspectiva hamletiana, e Helton Macedo examina a obra de Tarcísio Gurgel, destacando como ele integra elementos da realidade regional e nacional em sua ficção, criando uma conexão entre o local e o universal.

Em vista disso, esses autores fundamentam o trabalho ao proporcionar uma base sólida para a análise literária, destacando aspectos da tragédia<sup>10</sup> de Hamlet, explorando as dimensões do discurso literário e abordando os elementos necessários. Com base nesses pilares, a pesquisa pode desvendar os vestígios hamletianos nos contos “Um mensageiro”;

---

<sup>10</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é um texto, caracterizado pela seriedade e dignidade, que provoca paixão e medo, para que o público possa experimentar a catarse. A tragédia ocorre quando é causada por uma força maior (natureza, deuses, destino, etc).

“Pela hora da Morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, de Tarcísio Gurgel, presentes em *Os de Macatuba*.

## 2.1 Exaltar a literatura Potiguar

Helton Macedo (2018), em sua tese de doutorado intitulada “*Escritores potiguares: atos éticos em enunciados sobre a criação literária*”, analisa enunciados de autores potiguares relacionados à sua atividade literária. O corpus foi construído a partir de entrevistas realizadas no projeto de extensão “Voz e criação: escritores potiguares e seus processos criativos”. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na concepção dialógica de linguagem de Bakhtin. Ela busca identificar atos éticos nos enunciados dos escritores, discutir os posicionamentos axiológicos assumidos por eles e interpretar como esses atos e posicionamentos se relacionam com suas práticas de escrita.

De acordo com Helton Macedo (2018), Tarcísio Gurgel, por sua vez, é um autor que integra elementos da realidade regional e nacional em sua ficção, estabelecendo conexões entre o local e o universal. Suas obras contribuem para expressar a identidade literária do Rio Grande do Norte, mesmo em meio às limitações que a literatura potiguar enfrenta, como diferenças de cultura e dialeto quando comparada às outras produções literárias, como é o caso de *Hamlet*. No prefácio de *Os de Macatuba*, Gilberto Mendonça Teles deixa no ar uma interconexão entre *Os de Macatuba* com *Hamlet*, observe:

Aí a capacidade criadora do contista se manifesta com mais vigor: em vez de dominado pela linguagem literária, ele se sobrepõe a ela, domina-a com a sua técnica, infunde-lhe a sua autenticidade e se nos apresenta como um ótimo contista, capaz de evocar, de selecionar e, ao mesmo tempo, de produzir miragens novas que se impõem, por si mesmas, como cenas “reais” de vida pacata de Macatuba, cidade que aceita o seu destino verbal de maktub e se fecha sobre si como o silêncio de Hamlet na solidão do texto literário. (Teles, 2003, p. 21)

Sabendo disso, é possível supor que Tarcísio Gurgel usou elementos de *Hamlet* em alguns de seus contos em *Os de Macatuba*, ele naturalmente executa tais vestígios hamletianos em um ambiente fictício que faz parte da realidade regional potiguar. Desta forma, trazendo o clássico para a nossa realidade e visão de mundo, assim tornando a leitura mais acessível e imersiva para as pessoas que compactuam dessa realidade e identidade potiguar. Afinal, a realidade de um príncipe da Dinamarca não soa tão familiar para os leitores potiguares, o que dificulta uma identificação. Dessa forma, Tarcísio Gurgel constrói uma ponte que conecta o global ao local.

Dito isso, Tarcísio Gurgel desempenha um papel fundamental no reconhecimento da literatura Potiguar, enriquecendo e dando notoriedade à cultura local. Ele não faz uma simples

adaptação que gera conexão, o mesmo usa vestígios de um clássico já existente e engloba com seu conhecimento e visão de mundo para criar algo inédito: *Os de Macatuba*. Uma coletânea de contos que se passam na cidade fictícia de Macatuba no interior do Rio Grande do Norte. Além disso, Tarcísio também é autor das obras *Informação da Literatura Potiguar* e *Chuva de bala no país de Mossoró*, obras que, só pelos títulos, comprovam a intenção de Tarcísio Gurgel em exaltar a Literatura Potiguar.

## 2.2 A manifestação da loucura

A loucura é um tema central na tragédia *Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, ou apenas *Hamlet*, escrita por William Shakespeare. Nessa obra, a figura enigmática de Hamlet é profundamente afetada pela insanidade e sua luta interna entre razão e loucura é retratada de forma intensa e dramática. O trabalho de Pablo Corroche (2013), intitulado *Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca*, investiga essa relação entre insanidade e razão. Como podemos ver nas palavras de Pablo Corroche (2013, p. 42):

A loucura em *Hamlet* é uma metáfora poderosa para a desordem e a instabilidade que permeiam a sociedade dinamarquesa. Ela se manifesta não apenas na mente de Hamlet, mas também nos outros personagens, revelando a fragilidade da razão humana e a complexidade das emoções. A peça sugere que a loucura não é apenas individual, mas também coletiva, afetando a todos.

Sabendo disso, Corroche explora como os principais personagens da peça lidam com a loucura e como a razão tenta interditá-la. Segundo Corroche, em *Hamlet*, a loucura se manifesta de várias maneiras: O próprio príncipe Hamlet finge estar louco para investigar o assassinato de seu pai. Sua suposta insanidade é uma estratégia para obter informações e vingar-se do tio, que usurpou o trono; Ofélia, a amada de Hamlet, sofre um colapso mental após a morte de seu pai e a rejeição de Hamlet. Suas canções e comportamento errático são símbolos de sua loucura.

Ainda tendo base em Corroche (2013), Polônio, o pai de Ofélia também é afetado pela insanidade. Ele é excessivamente controlador e obcecado em descobrir a causa da loucura de Hamlet; O rei Cláudio, tio de Hamlet, também é atormentado pela culpa após assassinar o irmão e casar-se com a rainha. Sua consciência o leva à paranoia e à sensação de que a loucura está se espalhando. Dito isso, fica claro como a loucura faz parte de *Hamlet*.

Em *Os de Macatuba* a loucura também se faz presente e de forma muito similar a *Hamlet*. No conto “Um mensageiro”, temos uma clara referência a *Hamlet* com a personagem Ofélia, filha de Constância, é possível observar que Ofélia serve mais como uma referência

mesmo, uma vez que suas ações não trazem à memória a personagem clássica de Shakespeare, o que é interessante na narrativa de Gurgel é que temos uma personagem que possui uma similaridade com a Ofélia de *Hamlet*. Trata-se de Mafisa, ela é louca de amor por Everaldo e quando recebe uma carta que impossibilita seu amor, ela tem um colapso mental e como prova de sua loucura busca se suicidar, precisamente como ocorreu com Ofélia de *Hamlet*.

Em outra situação, no conto "Por uma quartinha com água serenada", temos Lustosa, personagem muito similar a Hamlet no que tange à loucura, visto que Lustosa fica louco após um acontecimento e busca matar outro homem. Ele também faz uso da loucura como uma arma aliada para que as pessoas não desconfiem dele, sendo esperto e perspicaz, justamente como Hamlet faz para que seus planos passem despercebidos.

Tendo ciência disso, tanto *Hamlet* quanto alguns contos de *Os de Macatuba* abordam questões profundas sobre a natureza da insanidade, a dualidade entre razão e emoção, e como a sociedade lida com aqueles que são considerados loucos. A loucura em ambas as obras é complexa, Shakespeare e Tarcísio Gurgel utilizam-na como um veículo para explorar a complexidade da condição humana.

### **2.3 A morte na literatura**

A morte é um tema recorrente na literatura e desempenha um papel significativo em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, e na tragédia *Hamlet*, de William Shakespeare. Na peça, o protagonista, príncipe Hamlet, lida com a morte de seu pai, o rei, e busca vingança contra seu tio Cláudio, que o assassinou para usurpar o trono. A morte permeia a trama, afetando os personagens de maneira profunda e complexa.

Aline Sengik e Flávia Ramos (2014), em seu artigo "Literatura como instrumento de discussão acerca da morte", exploram a possibilidade de abordar o tema da morte no ambiente escolar por meio de obras literárias. Elas analisam a obra "Os dois irmãos", escrita por Wander Piroli e ilustrada por Odilon Moraes, selecionada pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE-2010) para acervos da Educação. Nesse contexto, as discussões se concentram nos aspectos verbais e visuais da narrativa, considerando como o enredo simbolicamente aborda a ausência, separação, abandono, perda e morte.

A literatura, como apontado por Aline Sengik e Flávia Ramos (2014), desempenha um papel importante na construção de conhecimento e na atribuição de significado a partir das vivências do leitor. A escolha adequada de livros literários pode ajudar os leitores a lidar com situações difíceis, incluindo a morte. Portanto, a discussão sobre a morte por meio da

literatura oferece uma oportunidade valiosa para explorar emoções, compreender a finitude e promover a empatia.

Dito isso, *Hamlet* também trabalha o tema morte pela ausência e a perda. A morte do rei afeta profundamente os personagens, especialmente Hamlet, que luta com questões existenciais e a inevitabilidade da morte. Ele contempla o sentido da vida, a moralidade e a corrupção do mundo. Suas famosas palavras “Ser ou não ser, eis a questão” (Shakespeare, 2014, p. 136) refletem essa angústia interior. A conversa entre o príncipe Hamlet e o fantasma de seu pai é um momento crucial. O fantasma pede a Hamlet que vingue sua morte, mas também adverte contra prejudicar a rainha Gertrudes. Essa conversa revela a complexidade das emoções de Hamlet e sua luta entre acatar ou não o que seu pai disse, afinal, se ele ouvir o pai, o rei Hamlet está mais “vivo” do que nunca.

No conto “Pela Hora da Morte”, de Tarcísio Gurgel, a morte está presente, assim como em *Hamlet*. Nele, uma mãe lamenta a suposta morte do filho, que na verdade, não morreu literalmente e ela sabe disso, o que ocorre é que ela está de luto, pois para ela, ele “morreu”. Isso se dá por ele trazer desgosto para ela, mas ela sente a sua perda e ausência, tanto que ela tem recaídas e quer saber onde ele está, isso se relaciona com a finitude humana e a necessidade de escolhas. A morte, simbolicamente, permeia a trama, pois a mãe deve decidir como lidar com a situação do filho, se para ela, ele realmente “morreu”, ou se está vivo, essa escolha é uma metáfora para as decisões que enfrentamos ao longo da vida, muitas vezes envolvendo questões de vida e morte.

Assim como em *Hamlet*, onde a morte é central para a trama, em “Pela Hora da Morte”, Tarcísio Gurgel utiliza o tema como um elemento que transcende o meramente clínico. A morte é uma expressão da questão social, das escolhas e dos dilemas enfrentados pelos personagens. Portanto, tanto *Hamlet* quanto alguns contos de *Os de Macatuba* exploram a morte como um tema multifacetado, abordando questões emocionais, éticas e existenciais. Ambos nos convidam a refletir sobre nossa própria mortalidade e o significado da vida. Assim, indo de acordo com Aline Sengik e Flávia Ramos (2014), que apontam que livros literários podem ajudar os seus leitores a refletir e lidarem com temas delicados como a morte.

## **2.4 A vingança em *Hamlet***

Emily Fabris (2018), em seu trabalho de conclusão de curso, realizou uma análise comparativa da vingança em *Hamlet* e na obra “Assassinato no Expresso do Oriente”, de

Agatha Christie. Apesar de o trabalho abordar outra obra além de *Hamlet*, muito se pode aproveitar para ter percepções sobre o tema “vingança” na obra Shakespeariana.

Em *Hamlet*, a vingança também é um tema central. O protagonista, príncipe Hamlet, busca vingar a morte de seu pai, o rei Hamlet. De acordo com Fabris (2018), no entanto, diferentemente de outros personagens vingativos na peça, como Fortinbras e Laertes, Hamlet hesita e adia suas ações. Ele questiona a moralidade da vingança e a eficácia de seus planos. Essa indecisão e introspecção tornam sua busca por vingança complexa e intrigante.

A obra de Shakespeare também explora a vingança como um ciclo de violência. A busca de Hamlet por justiça leva a mais mortes e tragédias, revelando as consequências devastadoras da vingança desenfreada. Sabendo disso, podemos ver que a vingança tem resultados devastadores, ela ocorre em razão de busca por justiça, justiça essa que é questionada pelo próprio Hamlet toda vez que ele hesita, esta hesitação seria um presságio da tragédia.

Em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, este tipo de vingança como meio de fazer justiça também ocorre em alguns contos. Temos como exemplo o conto “Pela hora da Morte”, onde uma mãe que quer se vingar do filho por ele trazer desgosto a ela, então ela faz justiça causando sentimento similar ao filho, considerando agora que ele agora está “morto” para ela. Já no conto “Por uma quartinha com água serenada”, um marido se vinga ao matar o amante da esposa como forma de fazer justiça a sua honra, mas ele acaba sendo preso e morto. Dito isso, a vingança em *Os de Macatuba* tem consequências devastadoras, a busca por fazer justiça através da vingança causa tragédias irreparáveis, assim como em *Hamlet*.

O trabalho de Emily Fabris (2018) conecta a vingança a uma inevitável tragédia, onde a busca por vingança causa mais mortes e tragédias, como podemos ver nos acontecimentos de *Hamlet* e em *Os de Macatuba*. Destarte, *Hamlet* e *Os de Macatuba* oferecem uma visão multifacetada da vingança, abordando questões morais, psicológicas e sociais.

## **2.5 A justiça hamletiana**

Rodrigo Cintra (2011), em sua tese de doutorado intitulada “Uma Dimensão Trágica do Poder e da Justiça – Shakespeare e Maquiavel,” explora a relação entre poder e justiça nas obras de dois autores fundamentais: Maquiavel e Shakespeare. Embora o foco principal seja a dimensão trágica do poder, podemos extrair percepções relevantes para compreender a justiça em *Hamlet*. Tal como em Shakespeare, a justiça não é expressa teoricamente por meio de ensaios ou tratados, mas sim artisticamente, especialmente nas tragédias. *Hamlet*, uma das

obras mais icônicas do autor, também aborda essa temática. Rodrigo Cintra (2011) argumenta que a justiça em *Hamlet* não é apenas uma questão de aplicação de leis e regras, mas também envolve dilemas morais, conflitos internos e consequências imprevisíveis.

Em concordância com Rodrigo Cintra (2011), na tragédia *Hamlet*, a busca por justiça é central. O protagonista, Hamlet, enfrenta o dilema de vingar a morte de seu pai, assassinado pelo rei Cláudio. No entanto, ele hesita, questionando a validade da vingança e a moralidade de matar o tio. Essa ambiguidade moral é agravada pela loucura aparente de Hamlet e pela tensão em torno de Ofélia. Além disso, a tensão entre Hamlet e Cláudio em torno de Ofélia também contribui para o conflito na peça. A loucura aparente de Hamlet leva Ofélia ao suicídio, um evento trágico que afeta profundamente a situação na Dinamarca. Nas palavras de Rodrigo Cintra (2011, p. 9):

A justiça em Shakespeare não é apenas uma questão de aplicação de leis e regras, mas também envolve dilemas morais, conflitos internos e consequências imprevisíveis. Nas tragédias, como ‘Hamlet,’ a busca por justiça transcende as convenções jurídicas e mergulha nas profundezas da condição humana.

Essa reflexão destaca que a dimensão trágica da justiça em *Hamlet* vai além do simples cumprimento de normas legais. Ela se manifesta nos dilemas éticos enfrentados pelos personagens, nas escolhas impossíveis e nas consequências devastadoras. A obra nos lembra de que a justiça é um labirinto de emoções e dilemas que ecoam através dos séculos.

Destarte, a busca por justiça, a incerteza sobre a autoria do homicídio do pai de Hamlet e as complexidades morais sobre justiça e não justiça, certo e errado, são elementos centrais na tragédia. A peça nos convida a refletir sobre a natureza da justiça e suas complexidades. Não se trata apenas de punição, mas também de dilemas éticos, lealdade, traição e a inevitabilidade da morte. A tragédia shakespeariana transcende as convenções de justiça jurídica e mergulha nas profundezas da condição humana.

Sabendo disso, o modelo de justiça em *Hamlet* é similar a justiça encontrada em alguns contos de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, visto que se trata de uma justiça mais atrelada à condição humana, uma justiça mais popular que se distancia da justiça jurídica e suas leis. Como, por exemplo, no conto “Por uma quartinha com água serenada”, em que, Lustosa busca por justiça com as próprias mãos, pois a justiça judicial não faria o que ele acredita ser justo. Além disso, digna de uma tragédia shakespeariana, essa busca por justiça leva à morte de Lustosa, tal como leva a morte de Hamlet.

### 3 METODOLOGIA

Baseando-se em Severino (2014), este estudo adota uma abordagem metodológica baseada em pesquisa bibliográfica, com um enfoque exploratório-descritivo. Este trabalho investiga os contos contemporâneos "Um Mensageiro", "Pela hora da Morte" e "Por uma quartinha com água serenada", presentes na obra *Os de Macatuba* de Tarcísio Gurgel, com o objetivo de identificar elementos hamletianos como loucura, morte, vingança e justiça. Esses elementos são associados à obra *Hamlet* de William Shakespeare, cuja influência será destacada neste estudo. A abordagem exploratória visa aprofundar a compreensão desses vestígios hamletianos, integrando-os de forma significativa à análise.

A metodologia desta pesquisa consiste na revisão de literatura, na interpretação, na coleta e na análise de dados textuais de *Os de Macatuba* com abordagem hamletiano em alguns contos, como por exemplo: "Ai, que Netuno está morto, meu Deus! [...] Com esse nome eu até pensava que ia morrer no mar." (Gurgel, 2003, p. 31). No conto "Pela hora da Morte" da respectiva citação, Tarcísio Gurgel explora a temática da morte. O conto apresenta um diálogo de uma mãe que lamenta a suposta morte do filho, que revela a presença de um espectro. Essa atmosfera sombria e a reflexão sobre a mortalidade são vestígios de *Hamlet*, a famosa tragédia de Shakespeare.

Dito isso, também foram utilizados trechos da obra *Hamlet*, para comprovar a autenticidade da existência dos vestígios hamletianos presentes em alguns contos de *Os de Macatuba*, como por exemplo, na cena em que Hamlet lamenta a morte de Polônio, há uma intensidade emocional e reflexão profunda sobre a morte e a loucura. Como podemos ver: "O que, em nome de Deus, pode ter causado essa peste, senão a loucura?". (Shakespeare, 2014, p. 179).

No diálogo, Hamlet expressa sua dor e desespero pela morte de Polônio, pai de Ofélia. Ele questiona a natureza da existência e a injustiça da vida após a perda. A tragédia de *Hamlet* nos convida a confrontar essas questões universais e nos lembra da fragilidade da existência humana. Esses vestígios entre as obras residem na abordagem profunda das questões humanas, como o medo da morte, a busca por sentido e a incerteza sobre o além. Ambas exploram a psicologia dos personagens e suas lutas internas, criando uma conexão emocional com o leitor.

Ressalta-se que todos os contos de *Os de Macatuba* (2003), possuem um narrador externo a história, que é heterodiegético (3º pessoa), onisciente e onipresente, e ele faz uso de discurso indireto livre. Os acontecimentos ocorrem predominantemente em espaço físico na

cidade fictícia de Macatuba no interior Potiguar. Os contos possuem o tempo e enredo cronológicos (linear), com algumas pequenas quebras na linearidade em fluxos de consciência. A linguagem utilizada é própria e original, Tarcísio se destaca pela economia verbal e o domínio do coloquial literário, com traços regionalistas, que são característicos nas narrativas do Rio Grande do Norte.

As fontes primárias são as obras: *Os de Macatuba* (2003), de Tarcísio Gurgel, e *Hamlet* (2014), de William Shakespeare, nas suas respectivas edições atualizadas (2003) e (2014), e em versão para o Português do Brasil. As fontes secundárias serão o artigo *Literatura como instrumento de discussão acerca da morte* (2015), de Aline Sengik e Flávia Ramos, as monografias *A vingança sob duas perspectivas: análise comparativa da vingança nas obras Hamlet, de William Shakespeare, e Assassinato no Expresso do Oriente, de Agatha Christie* (2018), de Emily Fabris, e *Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare* (2013), de Pablo Corroche.

Além do mais, as teses *Uma dimensão trágica do poder e da justiça - Shakespeare e Maquiavel* (2011), de Rodrigo Cintra, e *Escritores Potiguares: atos éticos em enunciados sobre a criação literária* (2018), de Helton Macedo. Além de outros trabalhos acadêmicos que tratem das obras, dos autores, dos gêneros, dos contextos e dos temas envolvidos no estudo. Tendo em vista isso, levando em consideração as fontes primárias e secundárias, a abordagem teórica será baseada nos conceitos e nas categorias da teoria literária comparada, da recepção.

Tendo em vista isso, levando em consideração as fontes primárias e secundárias, a pesquisa foi feita através da leitura das fontes e análise de trechos delas. A abordagem teórica será baseada nos conceitos e nas categorias da teoria literária comparada, da estética da recepção.

#### 4 ANÁLISE DOS VESTÍGIOS

Antes de começar a análise de fato, vale a pena salientar que de acordo com Dailor Varela (2003) que escreveu as orelhas da primeira edição do livro *Os de Macatuba*, Tarcísio evita o excesso de palavras e cria imagens secas, características típicas de um poema de João Cabral de Melo Neto ou um conto de Graciliano Ramos. Dailor considera *Os de Macatuba*: “[...] o marco zero da nova linguagem literária no Rio Grande do Norte. É preciso fuçar o chão do real. E do irreal. Tarcísio Gurgel fuça a linguagem, dissecando-a. Ele luta com (e contra) a palavra.” (Varela, 2003, p. 129). Fato que engrandece a obra.

Além disso, ainda de acordo com Varela (2003), os personagens de *Os de Macatuba* provocam um delírio semântico que, apesar de ser carregado de uma terminologia regionalista, é universal. Inteligível em qualquer lugar do Brasil. Como ponto de partida para a análise, é interessante notar que o termo “vestígios hamletianos” se refere a elementos ou temas que remetem à tragédia de *Hamlet*, de William Shakespeare. Esses vestígios podem incluir questões centrais como Loucura, Morte, Vingança e Justiça, além de questões menores que se relacionam com as questões centrais, como dilemas morais, traição e conflitos familiares.

#### 4.1 Vestígios hamletianos em “Pela Hora da Morte”

O conto “Pela Hora da Morte”, presente em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, narra a história de uma mãe que lamenta a suposta morte do filho, no entanto, o filho não faleceu literalmente; ele apenas “morreu” para ela, pois causa desgosto. Mesmo assim, a mãe tem recaídas e deseja saber onde ele está. O conto apresenta vestígios hamletianos, como morte, vingança, loucura e justiça, contextualizados na contemporaneidade do nordeste potiguar. Vale salientar que os contos de Tarcísio Gurgel, presentes em *Os de Macatuba*, funcionam como uma via de mão dupla, na medida que o leitor lê, é como se ele também estivesse passeando pelas ruas de Macatuba enquanto escuta as histórias do povo da cidade.

Dito isso, a primeira coisa que é dita no conto “Pela hora da Morte” é: “Ai, que Netuno está morto, meu Deus!” (Gurgel, 2003, p. 31). A informação direta à morte de Netuno evoca uma atmosfera de perda e desespero. No contexto de *Hamlet*, a morte é um tema central que permeia a peça, refletindo não apenas a morte física, mas também a morte simbólica de ideais, esperanças e relações. O lamento da mãe pela morte de seu filho Netuno pode ser interpretado como um eco das lamentações de Hamlet pela morte de seu pai, o rei Hamlet. Só que aqui, há uma diferença de inversão, sendo a figura materna que se lamenta pelo filho.

A exclamação “meu Deus!” adiciona uma camada de angústia e desamparo à frase, ressoando com os momentos de desespero de Hamlet na peça de Shakespeare. Reflete um choque diante da perda de Netuno, talvez simbolizando não apenas a morte física, mas também uma ruptura emocional profunda. Hamlet é famoso por sua reflexão sobre a loucura e sua própria deterioração mental ao longo da peça. Como podemos ver no seguinte trecho: “Há algo de podre no reino da Dinamarca. Mas para que não se converta em todos nós, vou colocar um travesseiro sobre meu rosto e fazer a loucura ser meu único traje.” (Shakespeare, 2014, p. 50).

Em vista disso, as frases em questão podem sugerir um estado de desequilíbrio emocional ou psicológico do personagem que a pronuncia. Assim como Hamlet experimenta um estado de confusão e desespero diante das circunstâncias em que se encontra, a mãe de Netuno expressa o lamento por estar lidando com uma crise emocional ou existencial semelhante.

Dito isso, é possível enxergar uma interconexão com *Hamlet*, visto que a tragédia é repleta de vestígios como morte e loucura que se entrelaçam, influenciando a narrativa e os personagens, como é possível ver no trecho que Ofélia diz: “[...] ”Há uma rosa para você; Lamentável que uma coisa assim, com toda a sua beleza, tenha que morrer.” (Shakespeare, 2014, p. 192) e na fala da mãe de Netuno: “Com esse nome eu até pensava que ia morrer no mar.” (Gurgel, 2003, p. 31)

No conto de Tarcísio Gurgel, a frase indica uma possível influência literária ou temática de *Hamlet*, onde os temas de morte e loucura são explorados de maneira intensa e complexa. Outra passagem de *Hamlet* que é semelhante à de *Os de Macatuba* seria a seguinte que se encontra no primeiro ato da peça, quando Hamlet diz: “Todos os outros males parecem insignificantes ao lado da perda do pai.” (Shakespeare, 2014, p. 16)

Na passagem, vemos que Hamlet invoca uma atmosfera de angústia e desamparo, assim como é feito pela mãe de Netuno, onde a morte não é apenas física, mas também há a perda emocional, o que seria o sentimento de perder para sempre e de se desesperar por causa disso. Assim, é possível ver interconexão entre as obras já do início de ambas, porém, com diferenças notáveis. Os vestígios hamletianos estão presentes, mas Tarcísio é original em criar algo novo, adaptando os vestígios de *Hamlet* na Literatura Potiguar. Além disso, é visível como a escrita de Tarcísio é diferente da de Shakespeare, com menos palavras e descrições, entretanto, com grande impacto.

Logo após a exclamação da morte de Netuno, a sua mãe fala: “E eu vejo o meu filhinho recortado na cera desta infeliz. E vejo os olhos de vidro e vejo o nariz que não cheira mais e o lenço fino apertando o queixo e, ai...” (Gurgel, 2003, p. 31). Nesse fragmento, é possível encontrar alguns elementos que podem estar relacionados aos vestígios hamletianos, como a imagem da morte, visto que a descrição minuciosa do filho, com seus olhos de vidro, nariz inerte e o lenço apertando o queixo, externa uma imagem da morte. Essa imagem pode ser comparada à presença do fantasma do pai em *Hamlet*, que também aparece para o príncipe como uma figura espectral.

Além disso, o monólogo da mãe diante de algo que está “morto”, traz resquícios do monólogo de Hamlet com a caveira Yorick. Sabendo disso, a mãe parece estar sofrendo

intensamente ao ver seu filho nesse estado. Assim como Hamlet, que lida com o luto pela morte de seu pai, a mãe também enfrenta uma dor profunda. Além disso, ambos demonstram ambiguidade e dúvidas. A expressão “recortado na cera desta infeliz” sugere ambiguidade e incerteza. A palavra “infeliz” pode se referir à mãe ou à situação em si.

Essa ambiguidade pode ser comparada à indecisão de Hamlet sobre como agir diante do fantasma de seu pai. Como podemos ver no trecho em que o príncipe diz: “Ó, todos os pecados que passam pelo meu pensamento! Sim, isso é tudo que eu posso fazer. Juro pelo céu e pela terra que buscarei vingança. Vou me recordar de ti. Mas não sei como farei isso.” (Shakespeare, 2014, p. 39 )

Tendo isso em mente, a ambiguidade e incerteza precedem o estado de confusão mental, o que gera a loucura. Outro fator que contribui para a loucura é o conflito interno, e a mãe de Netuno está em conflito interno, assim como Hamlet, que luta com suas próprias emoções e dilemas morais. Como similaridade, em *Hamlet*, temos a cena onde o fantasma do rei Hamlet aparece para seu filho, o príncipe Hamlet: "Lembra-te de que não só a tua própria alma, mas a alma de todo o teu pai deve ser vingada." (Shakespeare, 2014, p. 43). O fantasma revela segredos e pede vingança por sua morte. Essa presença espectral e a busca por justiça podem ser relacionadas à ideia de recortado na cera no conto “Pela Hora da Morte”.

Em adição, o lamento da mãe demonstra uma inconformidade com a morte de seu filho, o uso da expressão “infeliz” traz um sentimento de falta de justiça no destino do filho. Fato semelhante à inconformidade de Hamlet com a morte do pai assassinado, visto que Hamlet rapidamente busca por justiça. Dessa forma, é possível afirmar que este trecho apresenta elementos que se alinham aos temas hamletianos de morte, loucura e justiça. No que tange à vingança, veremos adiante.

Na fala de lamento da mãe, ela diz algo muito interessante que inicia a construção de um cenário propício à vingança: “Eu digo e repito: o único defeito que Netuno teve, foi fazer menino numa rapariga em casa de Cencinha. Mas dizem que é tão linda a criança...” (Gurgel, 2003, p. 32). A passagem convoca alguns elementos que antecedem a vingança trágica, podemos identificar alguns elementos como o contraste entre aparência e realidade.

A frase “[...] dizem que é tão linda a criança” (Gurgel, 2003, p. 32) sugere que a aparência da criança é diferente da expectativa inicial. Visto que a mãe dizer que Netuno ter feito uma criança em uma prostituta foi um defeito, isto traz uma expectativa negativa a aparência da criança, o que não é real, já que é falado que a criança é linda. Isso pode ser comparado à ideia de aparências enganosas em *Hamlet*, onde personagens frequentemente escondem suas verdadeiras intenções.

Dito isso, como por exemplo, no momento em que Hamlet expressa sua tristeza pela morte do rei, mas também critica a rápida união de sua mãe com o tio Cláudio: "Mas dois meses não se passaram, e já ela se casou com meu tio." (Shakespeare, 2014, p. 13). Aqui, a aparência de luto e tristeza contrasta com a realidade do novo casamento da rainha.

Além disso, o fato de Netuno ter "feito menino numa rapariga" (Gurgel, 2003, p. 32) pode ser visto como um segredo ou revelação. A "rapariga" que a mãe de Netuno fala é literalmente uma prostituta que trabalha em um bordel, algo que não é bem visto e causa indignação à mãe, por isso é algo que pode ser visto como um segredo que ela não quer que se repercuta. Em *Hamlet*, há muitos segredos e traições que afetam o curso da trama. Como por exemplo, o fantasma do rei Hamlet que aparece para Hamlet, filho, e revela que foi assassinado por Cláudio, como podemos ver: "Eu sou o espírito de teu pai, condenado a vagar pelo dia e a queimar nas chamas da noite..." (Shakespeare, 2014, p. 41) Essa revelação desencadeia a busca de Hamlet por vingança.

Tendo isso em mente, é possível pensar que a mãe de Netuno também busca vingança pela revelação do segredo de Netuno ter feito um filho em uma prostituta, mas a expressão "único defeito" (Gurgel, 2003, p. 32) pode ser ambígua. Seria o defeito o fato de Netuno ter feito um menino ou algo mais profundo? Por defeito ser algo pejorativo, isso pode ser uma queixa da mãe que busca se vingar do filho por ele lhe causar tal desgosto de ter um filho com uma prostituta, mas ela logo vê algo "positivo" em um "defeito", ao dizer "dizem que é tão linda a criança" (Gurgel, 2003, p. 32), externando uma ambiguidade. Apesar disso, a mãe demonstra ser vingativa na medida que deixa a entender que nunca nem sequer viu a criança, o seu próprio neto, justamente por ser fruto de algo que lhe causa desgosto.

Essa ambiguidade é semelhante às dúvidas e questionamentos presentes em *Hamlet*. Como por exemplo, quando Hamlet conversa com Horácio, após conversar com fantasma de seu pai. Nessa cena, Hamlet reflete sobre a injustiça da morte e a confusão que ela traz.: "Há mais coisas no céu e na Terra, Horácio, Do que sonha a nossa filosofia." (Shakespeare, 2014, p. 98), Essa linha expressa a ideia de que há muitas questões e mistérios sobre a vida e a morte que vão além da compreensão racional, destacando a ambiguidade e os questionamentos existenciais que permeiam a obra.

Sua indecisão sobre como agir e a ambiguidade da existência são temas recorrentes, visto que Hamlet também demonstra esses sentimentos ao se questionar em se vingar ou não de seu tio Cláudio. Assim, a mãe de Netuno também passa por dúvidas semelhantes em relação a se vingar ou não do seu filho, esse dilema moral fica mais evidente adiante. Tendo noção disso, apesar da ambiguidade da mãe em se vingar ou não do filho, há muitos detalhes

que indicam que ela busca vingança, mas ela se sente culpada depois. Como é possível ver na seguinte passagem:

Mas, não há mal que não traga um bem. Agora, pelo menos, eu tenho um morto. Bom de muita reza. Muito sentimento. Luto fechado de um ano ou mais. Preparo coroa de rosas de papel crepom... bonina e roxo... e levo cada domingo... E faço penitência. Estou conformada. Agora, que Netuno morreu, vamos ficar muito tempo sem escutar o rádio, mas, depois de um mês, boto cadeira na calçada e vou conversar com os amigos que já têm defuntos na família... Estou conformada. Estou feliz... Deus que me perdoe se blasfemei... (Gurgel, 2003, p. 33)

Se formos analisar bem o trecho, é possível enxergar vestígios hamletianos que são fundamentais na tragédia, como a busca por justiça em forma de vingança. No que tange a justiça, a mãe expressa desgosto pelo fato de Netuno ter tido um filho com uma prostituta. Ela pode considerar isso como uma ação injusta ou inadequada. A busca por justiça pode estar relacionada à ideia de que Netuno merece alguma forma de punição ou reparação por suas ações.

Enxergando bem o que foi dito pela mãe, a frase "Agora, pelo menos, eu tenho um morto" (Gurgel, 2003, p. 33) pode ser interpretada como uma forma de vingança emocional. A mãe encontra algum consolo na morte do filho, como se fosse uma espécie de retribuição. Além disso, a conformidade dela após a morte de Netuno também pode ser vista como uma forma de vingança contra ele, mesmo que não seja direta. Mas ainda assim, no final ela ainda hesita se suas ações são certas ou não ao dizer "Deus que me perdoe se blasfemei..." (Gurgel, 2003, p. 33).

Tendo em vista o conteúdo do trecho, a mãe parece estar buscando justiça e encontrando algum tipo de vingança emocional após as ações de Netuno. Esses elementos adicionam complexidade à narrativa e possuem interconexão com *Hamlet* em relação aos temas de justiça e vingança, como conflito moral e consequências. Pois Hamlet possui conflitos morais em relação se é certo ou não buscar por justiça e se vingar do seu tio Cláudio, visto que, há momentos que Hamlet está certo em se vingar "A vingança será justiça quando o vingador for um príncipe." (Shakespeare, 2014, p. 165) e momentos em que hesita em se vingar.

Como por exemplo, no Ato IV, Cena IV de *Hamlet*, quando Hamlet se depara com a oportunidade de se vingar de Cláudio, mas hesita: "Como posso eu, que tenho uma causa justa e um inimigo que deve ser destruído, ainda hesitar? Em vez de fazer justiça, eu sou o que hesita." (Shakespeare, 2014, p. 167). Ele se depara com o rei dormindo desarmado diante dele e tem a chance de matá-lo, mas então se questiona sobre a justiça e a moralidade de seu ato. Hamlet decide que matar Cláudio enquanto ele está confessando seus pecados pode enviá-lo

para o céu, o que não seria uma vingança justa pela morte de seu pai, que foi para o purgatório por seus pecados não perdoados.

Após isso, há uma grande revelação e reviravolta, o luto que a mãe estava tendo era algo figurativo, Netuno não morreu literalmente, ele apenas morreu internamente para ela pelo desgosto que ele lhe causou:

Ernesto... Passe água na minha boca... Estou com sede igual se eu tivesse andado Macatuba inteirinha... Onde está Netuno, que eu não vejo? (Ninguém vai lhe dizer agora que Netuno está em casa de Cencinha) - Netuno... Meu filho... Onde está? Ele está vivo? Me digam que eu vou morrer... (Vivo ele está, mas...) Morreu. (Gurgel, 2003, p. 34).

Analisando os detalhes do trecho, podemos observar que a morte de Netuno é figurativa, a frase “Ninguém vai lhe dizer agora que Netuno está em casa de Cencinha” (Gurgel, 2003, p. 34). Sugere que há um segredo ou informação oculta. Sabemos que o único defeito de Netuno para sua mãe, era ter tido um filho com uma prostituta na casa da cafetina Cencinha, então isso já seria algo suficiente para ela decretar a morte interna dele, outro detalhe é que ela não pode nem saber que ele está lá o que dá força para esse sentimento negativo.

Outro indício é a pergunta “Onde está Netuno que eu não o vejo?” (Gurgel, 2003, p. 34) a mãe, mesmo fingindo que Netuno morreu, tem uma recaída e quer saber onde ele está. Essa busca por informações contradiz sua postura anterior, refletindo a instabilidade emocional e a necessidade de compreender a verdade. Se Netuno realmente estivesse morto, ela não perguntaria onde ele está, pois a resposta seria óbvia. Essa oscilação entre conformidade e curiosidade é semelhante à indecisão de Hamlet sobre como agir diante das revelações que recebe, como em Ato I, Cena V, durante a conversa de Hamlet com o fantasma do pai.

A resposta “Vivo ele está, mas... Morreu” (Gurgel, 2003, p. 34) é uma clara alusão à memorável frase de Hamlet “Ser ou não ser”. Essa dualidade entre vida e morte pode ser contrastada com a presença do fantasma do pai de Hamlet, que está morto, mas aparece para o príncipe no Ato I, Cena V: “Ouça, ouça! Se tu me escutares, jura-me.” (Shakespeare, 2014, p. 105). Porém no caso de Netuno, ele está vivo, mas não aparece para mãe, pois é subentendido que houve um conflito familiar entre mãe e filho tão grave que os separaram.

Como é afirmado na resposta, Netuno está vivo, mas morreu para mãe já que a sua existência física lhe causa dor, os familiares não podem nem ao menos dizer onde ele está durante as recaídas da mãe, pois ele provavelmente vai estar no lugar que causa sofrimento para a mesma, então ninguém vai dizer. Em adição, quando a mãe diz: “Me digam que eu vou

morrer...” (Gurgel, 2003, p. 34), pode subentender-se que ela não vai viver por muito tempo sem a presença do filho. O final é trágico, digno de uma tragédia Shakespeariana.

Sabendo disso, é notável que o conto de Tarcísio Gurgel possui vestígios hamletianos como a loucura que acontece nas dúvidas e conflitos morais da mãe, sobre Netuno está ou não morto; a morte está nas lamentações e luto pela “morte” de Netuno; a justiça ocorre nas ações da mãe em querer punir Netuno por suas ações que ela considera errôneas e a vingança é a morte emocional de Netuno, a mãe inclusive sente culpa por desejar a “morte” do filho, então ela tem recaídas.

Destarte, é visível algumas semelhanças entre o conto “Pela hora da morte” e *Hamlet*. Isso faz com que o conto de Tarcísio Gurgel seja algo único e original, em que há raízes e pilares de um clássico da tragédia em uma história contemporânea no interior potiguar, onde uma realidade e um universo distintos se entrelaçam, influenciando a narrativa de maneira profunda e complexa. Algo que reforça isso, é o fato de que as interconexões entre as obras não terminam por aqui, há ainda muitos vestígios hamletianos presentes nos contos de *Os de Macatuba*, como veremos no próximo conto: “Um mensageiro”.

#### 4.2 Vestígios hamletianos em “Um Mensageiro”

O conto “Um Mensageiro” conta a história de um homem de meia idade que trabalha como carteiro chamado Everaldo. Ele gosta de conversar com as pessoas que ele entrega a correspondência, e além de trabalhar entregando cartas, Everaldo em suas horas vagas gosta de escrever poemas do estilo trova<sup>11</sup>. Uma das pessoas que Everaldo entrega a correspondência é Mafisa, uma mulher que possui uma louca paixão secreta por Everaldo. Ademais, há também Constância, esposa de Everaldo e mãe de uma criança chamada Ofélia. Constância descobre a paixão secreta de Mafisa por Everaldo e a desencoraja, acontecimento que acaba levando Mafisa ao suicídio por envenenamento. Este conto não esconde suas raízes em *Hamlet*, a personagem Ofélia é praticamente uma referência direta à obra Shakespeariana. Em adição a isso, a mãe de Ofélia, Constância, desempenha papel parecido ao de Polônio de *Hamlet*, visto que Constância obviamente é contra a relação de Mafisa com seu esposo, Everaldo. Respectivamente, Mafisa desempenha papel similar a Ofélia de *Hamlet*, por ser loucamente apaixonada pelo protagonista e Everaldo papel similar ao igualmente virtuoso Hamlet.

O início do conto para nos familiarizar com o protagonista, ilustra a figura de Everaldo que logo de início, trabalha entregando as correspondências enquanto está sendo simpático

---

<sup>11</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, é um poema autônomo de quatro versos em redondilha maior.

com os habitantes de Macatuba. Adiante, é revelado sua habilidade em composição de poemas:

Tinha uma vocação vulcânica para as belas letras e, deste mesmo Camargo de Oliveira, receberá em data que lhe ficará para sempre indelével na memória, a homenagem com que os ocupantes do parnaso presenteiam os mal-amados da intelectualidade. (Gurgel, 2003, p. 76)

A descrição de Everaldo como alguém com uma "vocação vulcânica para as belas letras" (Gurgel, 2003, p. 76) evoca a imagem de alguém apaixonado pela escrita e pela poesia. A menção ao parnaso também é interessante, pois se refere ao monte mitológico associado às musas e à inspiração poética. A ideia de um mensageiro com habilidades poéticas certamente adiciona um toque Shakespeariano literário à narrativa, visto que Everaldo tem uma similaridade com o príncipe Hamlet pela pré-disposição poética que ambos possuem. Em seguida, é mostrado uma das trovas de Everaldo, a mesma é profunda e pode possuir significado além do literal, trazendo uma atmosfera melancólica de morte:

sou mensageiro de gente  
que aqui não pode estar  
e longe saudades sente  
dos que ficaram por cá. (Gurgel, 2003, p. 77)

A trova de Everaldo externa muitos vestígios hamletianos, e até parece que foi feita pensando em *Hamlet*. A trova evoca temas de morte, separação, saudade e mensagens entre aqueles que estão distantes, como o diálogo de Hamlet e o fantasma de seu pai no Ato I, Cena V. Na peça, a morte, a vingança, a busca por justiça e a loucura são centrais, e os personagens frequentemente expressam sentimentos de saudade e remorso. A figura do mensageiro, como Everaldo, também aparece em *Hamlet*, com cartas e mensagens desempenhando um papel importante na trama. Assim, a trova e a peça compartilham uma sensibilidade em relação à distância e à comunicação entre aqueles que estão separados.

No que tange à similaridade entre os protagonistas Everaldo e Hamlet, ela se dá principalmente por ambos serem protagonistas, virtuosos e serem loucamente amados por uma mulher. Ao que diz respeito à virtuosidade, sabemos da predisposição de Everaldo pelas belas letras, mas Hamlet também possui esse dom. Muitos conhecem a famosa frase de Hamlet: "Ser ou não ser, eis a questão." (Shakespeare, 2014, p. 136) Essa reflexão poética ocorre no monólogo da primeira cena do terceiro ato da peça homônima de William Shakespeare.

Entretanto, pouco é falado sobre o que é dito logo depois da frase, por trás da famosa fala, há um monólogo poético e filosófico, Hamlet continua: "Será mais nobre em nosso

espírito sofrer pedras e flechas com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja, ou insurgir-nos contra um mar de provocações e em luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir." (Shakespeare, 2014, p. 136) A frase aborda a existência, a vida e a morte, tornando-se um questionamento existencial profundo. Dito isso, é possível até ver uma similaridade entre o monólogo de Hamlet e a trova de Everaldo, visto que ambas exploram temas melanocíticos como a morte.

Em seguida no conto, Everaldo segue para fazer a entrega de uma correspondência vinda de um consultório sentimental de uma revista chamada "Encantos" para Mafisa Arruda. Mulher que possui uma louca paixão secreta por Everaldo. Isso é perceptível até nos mínimos detalhes: “-Carteiro! Com o cabelo arrumado às pressas e um sorriso mal disfarçando o tique nervoso no canto da boca, Mafisa apareceu. -Sentar, seu Everaldo?” (Gurgel, 2003, p. 78).

Sabendo disso, é justamente nos detalhes que vemos a obsessão de Mafisa por Everaldo, tal sentimento é tão forte que beira a loucura. Podemos observar isso até na atual correspondência de Mafisa que é algo que reflete sua afeição e vontade de “encantar” Everaldo. Além do fato de Mafisa provavelmente ter de forma intencional uma grande demanda de correspondência só para ver o carteiro Everaldo. Em adição a isso, Mafisa já previa a vinda de Everaldo pois estava se arrumando para ver o carteiro, e a primeira coisa que faz ao vê-lo é um convite para sentar: “o tique nervoso no canto da boca, Mafisa apareceu. - Sentar, seu Everaldo?” (Gurgel, 2003, p. 78). Apenas nesse trecho, já é possível ver um exagero e obsessão de Mafisa por Everaldo.

Em *Hamlet*, Ofélia demonstra sua loucura em uma forte paixão pelo príncipe Hamlet. Ofélia até mesmo ignora avisos e conselhos de seu irmão Laertes e do seu pai Polônio, mesmo eles falando seguindo a lógica, visto que Hamlet não é mais o mesmo após a morte do seu pai, o príncipe agora cego pelo desejo de vingança não liga mais para emoções como o amor. Ofélia se recusa a acreditar nos conselhos dados, pois ama demais o príncipe. Por exemplo, quando Laertes, irmão de Ofélia, a adverte para não confiar nas declarações de amor de Hamlet, ela responde de forma resistente: “Mas, bom irmão, não me mostre o caminho íngreme e espinhoso para o Céu, enquanto ele mesmo segue o caminho da libertinagem” (Shakespeare, 2014, p. 52).

Outro exemplo seria quando Laertes, irmão, novamente alerta sobre o amor de Hamlet: “Em poucas palavras, Ofélia, não acredite em seus votos” (Shakespeare, 2014, p. 63). As réplicas de Ofélia mostram sua resistência aos conselhos do irmão e do pai, visto que a mesma ainda tem sentimentos por Hamlet. Este fato dá indícios de uma paixão que beira a loucura pelo simples fato de Ofélia ignorar a razão em prol de um sentimento por Hamlet, mesmo que as atuais ações dele digam o contrário. Dito isso, essa obsessão de ambas

personagens pela pessoa amada, faz com que elas exagerem demais, o que resulta em uma loucura.

Retornando ao conto, Mafisa aproveita a presença de Everaldo para lhe entregar uma carta que será enviada à conselheira amorosa Madame Sílvia. Mafisa acredita que a Madame vai lhe dizer o melhor a se fazer em sua situação amorosa:

Mafisa já tinha pronta a carta que se destinava a Madame Sílvia, narrando a súbita paixão e pedindo conselho. -O senhor podia botar esta pra mim? -Só na mala de amanhã, senhorita, pois estou encerrando o expediente... E tocando com as pontas dos dedos no quepe, do modo mesmo como fazem as pessoas galantes, Everaldo despediu-se com uma timidez que lhe traía a segurança do gesto. (Gurgel, 2003, p. 78)

Algo interessante a se notar é a postura de Everaldo com Mafisa, as ações de tocar o quepe “mesmo como fazem as pessoas galantes” (Gurgel, 2003, p. 78) e “despediu-se com uma timidez que lhe traía a segurança do gesto” (Gurgel, 2003, p. 78) mesmo que de forma sutil, talvez, tenha dado alguma coisa a entender a Mafisa. Levando em consideração que Everaldo vê Mafisa frequentemente, outras leves interações possam ter contribuído para a obsessão de Mafisa. Porém, nada indica que Everaldo tenha flertado diretamente com Mafisa, então tais ações sutis devem ter sido interpretadas de forma exagerada pela loucura da paixão de Mafisa.

Em *Hamlet*, Ofélia também dá a entender que o príncipe Hamlet já se declarou para ela quando Hamlet, furioso, ataca Ofélia após sua retirada de seus afetos, ela responde: “Eu fui mais enganada” (Shakespeare, 2014, p. 99). Essa linha sugere que Hamlet pode ter expressado seu amor por Ofélia anteriormente. Então, podemos concluir que a paixão de Ofélia e Mafisa não é infundada, houve indícios das outras partes, porém, esses indícios podem muito bem terem sido interpretados de forma exagerada pela loucura da paixão. A diferença é que Mafisa pode ter confundido a simpatia de Everaldo com flerte e no caso de Ofélia, Hamlet pode ter se declarado a ela; mas ele ficou cético após a morte do pai.

Tendo ciência disso, é possível pensar que Mafisa pediu conselhos a Madame Sílvia por ela acreditar que a Madame diria o certo e justo a se fazer nessa situação. Ao enviar a carta, ela confiou seu amor ao destino e que o mesmo fizesse justiça a sua situação. De forma similar, Ofélia no Ato I, Cena III de *Hamlet*, contraria o seu pai Polônio e seu irmão Laertes por acreditar no seu amor pelo príncipe Hamlet, então ela confia que o destino fará justiça em sua situação. Em vista disso, ambas Mafisa e Ofélia, preferem acreditar na justiça do destino e na possibilidade de ficarem juntas de seus amados do que aceitarem a realidade cruel de viver sem eles.

Everaldo após o fim do expediente vai na casa de um amigo para conversar sobre literatura parnasiana e sonetos, nesse momento a pequena Ofélia, a filha de Everaldo com Constância, enquanto brincava, acaba achando e rasgando o envelope da carta de Mafisa para a Madame Sílvia. Constância repreende a criança pela travessura, mas não se segura e por curiosidade, lê a carta, quebrando o total sigilo da paixão secreta de Mafisa por Everaldo:

pois quando vi ele na eleição de Prefeito, meu coração bateu com tanta força que eu pensei que ia morrer. Vivo agora num dilema cruciante pois ele é casado. Essa carta, Madame, chegará às suas mãos por intermédio dele. Acho que o destino cruzou as nossas vidas, fazendo com que ele fosse o próprio mensageiro do amor. E no final, com uma nitidez que lhe feria a vista: Ajude-me Madame Sílvia. Espero confiante os seus conselhos, pois sei que não amarei nunca outro homem em minha vida que não seja Everaldo Batista. (Gurgel, 2003, p. 80)

Na carta de Mafisa para Madame Sílvia é possível ver mais vestígios de Hamlet, destaca-se a similaridade da situação da personagem com a de Ofélia. Mafisa descreve como seu coração bateu forte ao ver Everaldo na eleição de prefeito. Essa paixão repentina e intensa é semelhante à atração que Ofélia sente por Hamlet na peça. Em adição, o dilema de Mafisa por ele ser casado reflete o conflito moral e emocional enfrentado por personagens como Ofélia, que também lida com dilemas amorosos. O dilema acontece no Ato I, Cena III, onde Ofélia tem que decidir em acreditar na família ou no príncipe Hamlet, visto que seu pai e irmão são contra a relação dos dois.

A carta também externa a ideia de que o destino cruzou suas vidas e que Everaldo é o próprio mensageiro do amor, isso traz à tona temas de destino e conexões sobrenaturais como as presentes em *Hamlet*. O uso da palavra "mensageiro" (Gurgel, 2003, p. 80) pode ser equiparada à aparição do fantasma do pai de Hamlet no Ato I, Cena V, como um mensageiro que traz a verdade que não se enxergava antes.

Ao ler a carta, Constância fica indignada e incrédula com o que leu, ela não esconde sua raiva pelo ato ousado de Mafisa de querer se relacionar com o seu marido e então busca fazer justiça se vingando da moça enviando-lhe uma réplica a sua carta. Por ser esposa de Everaldo, Constância não acha justa a atitude de Mafisa, então busca uma vingança como um modo de botar um “freio” na moça, ela então faz sua silenciosa vingança em forma de uma carta, colocando-a no mesmo lugar onde Ofélia de início achou a carta de Mafisa, de modo que Everaldo entregasse a carta para Mafisa sem suspeitar de nada.

Em outro dia, Mafisa espera ansiosamente pela carta de Madame Sílvia, até que chega o momento em que Everaldo vem entregar a sua correspondência como sempre, ela pergunta se ele quer sentar-se como de costume, mas ele recusou, e lhe entrega a carta como de praxe.

Mafisa espera ele sair para ler a resposta da carta de Madame Sílvia, mas se depara com uma implacável e impiedosa réplica na carta de Constância:

Dona Moça.

Deus queira que a senhora ainda seja.

Estou escrevendo no lugar de Madame Sílvia, porque sua vida não está cruzada com a de Everaldo, mas está com a minha. Pode crer. Everaldo não é homem de inventar raparigagem. A senhora sabe que pouco lhe conheço. A bem dizer, só vi a senhora no mercado e naquela vez que a senhora foi secretária na eleição de Prefeito. Eu peço em nome de Ofélia. Deixe Everaldo cuidar da família dele e tenha mais vergonha que é isso o que precisa uma solteirona feito você. Vergonha e reza.

Sem mais

Constância Batista de Oliveira. (Gurgel, 2003, p. 82)

É justamente lendo a carta de Constância que percebemos o motivo dela ser sua vingança, a carta tem um teor de desaprovação da atitude de Mafisa além de apelar nos insultos. Já no início da carta Constância diz: "Dona Moça. Deus queira que a senhora ainda seja" (Gurgel, 2003, p. 82) isso já é uma insinuação de que Mafisa não é mais "moça", mas sim "mulher da vida". Além de insultos, Constância apela para responsabilidade familiar, quando pede a Mafisa que deixe Everaldo cuidar de sua família e expressa desaprovação, chamando-a de "solteirona" (Gurgel, 2003, p. 82). Essa ênfase na responsabilidade familiar e na vergonha é algo que com certeza pesou na consciência de Mafisa, que estava prestes a "destruir" uma família. Dito isso, também é possível ver situações similares a essa acontecendo com Ofélia de Hamlet. Polônio, pai de Ofélia, desencoraja a relação dela com Hamlet: "Antes de mais nada, não creia em um só momento nas promessas dele; Ele pode falar a verdade, mas não a viva. Diga a ele que você não vai mais vê-lo." (Shakespeare, 2014, p. 53) e no Ato III, Cena II, Hamlet insulta e faz vergonha a Ofélia durante a encenação da peça, ele a critica e expressa sua frustração: "Tu és um campo de flores em que se espalham as sombras do pecado." (Shakespeare, 2014, p. 147) Situações essas, similares a desaprovação e insultos na carta de Constância para Mafisa.

Nos últimos momentos do conto, Mafisa é tomada pela loucura e o delírio após ler a carta de Constância e ficar sem chão, o tudo de Mafisa se tornou nada, isso somada a vergonha e o peso na consciência lhe levaram para a única saída possível, o suicídio:

Era uma tarde de inverno em abril e Mafisa entrou naquele cinzento de dar tristeza em qualquer cristão. Foi por isso que poucos se surpreenderam quando ela, vestida com o mesmo vestido que usara no dia da eleição de Prefeito, sorveu em verdadeira taça de amargura, um veneno que Hermenilton da Pharmácia Progresso lhe vendera, dizendo ser excelente para a formigagem que lhe atacava o quintal. (Gurgel, 2003, p. 83).

Na passagem, não é literalmente dito que Mafisa morreu, mas sua morte é subentendida na passagem e é confirmada no conto “Por uma Quartinha com Água Serenada”, que será analisado mais adiante. É bastante irônica e trágica a morte de Mafisa, visto que o que ela mais quis, a paixão de Everaldo, foi o que motivou a sua morte, assim como Ofélia de *Hamlet*, que morre pela sua paixão pelo príncipe da Dinamarca, ambas morreram em uma busca de um amor proibido. No que tange o final do conto “Um Mensageiro”, assim como disse Gilberto Mendonça Teles (2003), Tarcísio Gurgel enuncia e logo depois “cala”, visto que o conto acaba nesta passagem.

Sabendo disso, em *Hamlet* no Ato IV, Cena VII, após saber da morte de Polônio, Ofélia tem um colapso mental e a loucura toma conta de sua mente, ela morre afogada logo em seguida, ela provavelmente cometeu suicídio. A carta de Constância para Mafisa tem efeito parecido com a morte de Polônio para Ofélia, pois após recebê-la, Mafisa tem um colapso mental e tomada pela loucura, decide se suicidar sorvendo veneno. Analisando com atenção, não é coincidência o fato de Mafisa morrer por envenenamento, visto que o envenenamento é algo bastante simbólico em *Hamlet*, já que *Hamlet* morre por uma lâmina envenenada, Gertrudes morre bebendo o veneno na taça de vinho e o rei *Hamlet* com "veneno no ouvido".

Dito isso, esse fato é bem interessante, pois o "veneno no ouvido" é uma provável metáfora de ser envenenado com as palavras. E é exatamente isso que ocorre no conto, é até difícil dizer se Mafisa morreu pelo veneno que sorveu ou pelas palavras na carta de Constância, e algo similar a isso deve ter ocorrido com o rei *Hamlet*. Visto que em *Hamlet* no Ato V, Cena II, Cláudio tanto envenenou metaforicamente o ouvido de Laertes com palavras para que ele matasse *Hamlet*, quanto literalmente colocou veneno em sua lâmina para matar o príncipe.

Em vista disso, podemos concluir que as palavras de Constância e Cláudio são tão perigosas quanto o veneno. Além do mais, as palavras possuem propriedades similares ao veneno, pois ambos agem internamente e podem ir matando aos poucos, a diferença é que seus “sintomas” são a desconfiança, conflitos morais e a loucura. Destarte, o conto “Um Mensageiro” além de possuir vestígios hamletianos como loucura, morte, vingança e justiça, possui referências a peça *Hamlet*, como o nome Ofélia, e os simbolismos do veneno, da morte de Mafisa (Ofélia) e do mensageiro (fantasma do rei). Entretanto, ainda há mais no próximo conto a ser analisado: “Por uma Quartinha com Água Serenada”.

### 4.3 Vestígios hamletianos em “Por uma Quartinha com Água Serenada”

O conto contemporâneo “Por uma Quartinha com Água Serenada” narra a história de Lustosa, um homem casado que vivia normalmente com sua esposa Efigênia, até o dia que Lustosa descobre que foi traído pela sua esposa e então, pela loucura ele busca justiça pela sua honra e através da vingança mata Protásio, o amante da esposa. Na cadeia, Lustosa escreve cartas para seus amigos e conhecidos da cidade de Macatuba, em praticamente todas as cartas, Lustosa demonstra uma obsessão por uma quartinha<sup>12</sup> de beber água, ele inclusive, manda cartas para a sua esposa dizendo querer divisão de bens, ele não faz questão de que a esposa fique com tudo, exceto a quartinha de que ele não abre mão.

Até que em um dia na cadeia, Lustosa recebe a tal quartinha com água serenada que tanto queria junto a um bilhete; mas ao beber a “água serenada”, Lustosa subitamente morre. O conto é narrado através das cartas de Lustosa e de outros escritos, vale ressaltar que este conto tem uma leve conexão com o conto “Um Mensageiro”, visto que se passa na mesma cidade de Macatuba e alguns personagens de “Um Mensageiro” são citados, como Everaldo que é famoso na cidade por ser carteiro e pela habilidade de escrita literária, e Mafisa que é oficialmente dada como morta após os acontecimentos do conto precedente.

O conto se inicia com Lustosa já preso e a primeira coisa que nos é apresentada, é um fragmento de sua primeira carta para sua Esposa Efigênia:

[...] só lhe peço uma coisa, Efigênia. Aquela quartinha, da florzinha, que gela água muito mais do que a geladeira que lhe dei só pra satisfazer o seu capricho, aquela quartinha, deixe ela pra mim. Eu já soube por boca de compadre Elpídio que você está projetando ir embora. Pois bem: leve, se quiser, as cabeças de galinha, os pés de onze horas que plantei. Pode levar o cachorro que ele vai ser bom companheiro pra você. Até a garrafa térmica. Você indo, você morreu. Não deixe nem a geladeira. Se for preciso, eu pago o carroto. Agora a quartinha não. Deixe a quartinha. (Gurgel, 2003, p. 113-114)

A primeira coisa que Lustosa fala é da quartinha, o que já levanta suspeitas de loucura por ele ter uma obsessão tão grande por esse item tão simples, e inclusive, diz para Efigênia levar coisas mais valiosas como a geladeira e faz questão de pagar por isso, mas não abre mão da quartinha. A obsessão de Lustosa pela quartinha pode ser comparada à obsessão de Hamlet por vingança, visto que ele abre mão de tudo para se vingar, até de seu laço com Ofélia, Hamlet também não quer que Cláudio tome posse do que ele considera dele, como o reino da Dinamarca e sua mãe, Gertrudes, assim como Lustosa que não quer deixar a quartinha para Efigênia de maneira alguma.

<sup>12</sup> De acordo com o Dicionário *Oxford Languages*, se trata de recipiente pequeno de barro para água potável; moringa, quarta ou quartilha.

Porém, podemos ver a quartinha como um símbolo de algo que Lustosa busca, visto que ele pede a Efigênia para deixar a quartinha da florzinha para ele. A quartinha “que gela água mais do que a geladeira” (Gurgel, 2003, p. 113), pode simbolizar a busca por equilíbrio, purificação e conexão com o divino. Essa referência à quartinha pode ser interpretada como um vestígio hamletiano, representando a busca por justiça e a preservação da honra.

A próxima carta de Lustosa é para seu advogado, Dr. Demostene, Lustosa é sincero e confessa tudo o que fez para ele:

Sou homem da lei conforme o senhor sabe, só tendo merecido corretivo por crime de defender o que é meu de honra e de direito. Confio na sustança do seu verbo defendendo a minha libertação e quero aproveitar para lhe dizer que, agora, trata-se da quartinha. Olhe doutor. A surra que dei em Efigênia, é coisa que passa. E eu sei de gente que já fez muito mais, por menos. E por que é que eu fiz o serviço no enxerido do Protásio? O senhor bem sabe. (Gurgel, 2003, p. 114-115),

De início, Lustosa parece ter um conflito de honra e direito, pois ele menciona que mereceu um "corretivo" (Gurgel, 2003, p. 114), por defender o que é seu de honra e direito. Esse conflito entre a honra pessoal e a busca pela justiça é um tema recorrente em Hamlet, onde o príncipe enfrenta dilemas semelhantes, como no Ato IV, Cena IV, quando Hamlet hesita em matar Cláudio enquanto ele está confessando seus pecados.

Além disso, Lustosa menciona que agora "trata-se da quartinha" (Gurgel, 2003, p. 114). A quartinha pode ser interpretada como um símbolo de algo mais profundo, assim como os objetos e símbolos que permeiam a trama de Hamlet como o crânio de Yorick (símbolo de vida ou morte) ou o fantasma do pai (símbolo de mensageiro). A quartinha com água serenada, como já mencionado, pode muito bem ser símbolo de purificação dos pecados de Lustosa, a restauração de sua honra e uma redenção a sua pessoa. Por isso Lustosa é tão obcecado por ela, ele busca por sua redenção e justiça pelo o que acredita ser certo. Dito isso, Lustosa cometeu crimes e até os admite para o seu advogado sem demonstrar nenhum arrependimento, vemos isso quando ele diz: “A surra que dei em Efigênia, é coisa que passa. E eu sei de gente que já fez muito mais, por menos. E por que é que eu fiz o serviço no enxerido do Protásio? O senhor bem sabe.” (Gurgel, 2003, p. 114-115). Dessarte, através da loucura, Lustosa buscou vingança e justiça, ele acredita que tudo o que fez está certo, até mesmo bater em Efigênia e matar Protásio para defender sua honra e lar. Essa busca por justiça e ação movida pela emoção são paralelos aos conflitos internos de Hamlet e sua busca por vingar a morte de seu pai.

Em seguida, somos apresentados à mais uma carta de Lustosa, essa foi para o vigário da paróquia de Macatuba:

[...] comuniquei a Dr. Demóstenes que é meu advogado, conforme sabe Vossa Reverência. Portanto, termino pedindo sua bênção (o senhor não vai negar por causa de – perdoe a má palavra um par de culhões e meia dúzia de porretadas, não é?) e lembrando que a minha quartinha lhe valerá uma esmola grande pra continuação da capela. (Gurgel, 2003, p. 116)

Na carta para o vigário da paróquia, Lustosa continua sendo sincero e acha que está certo, ele pede para que o vigário consiga a quartinha de volta para ele. Como já sabemos, a quartinha é como um símbolo, semelhante aos objetos e símbolos que permeiam a trama de Hamlet, ela representa a busca por justiça, a honra de Lustosa e sua redenção. Então quando Lustosa apela pela quartinha, o que ele quer mesmo é que o vigário consiga recuperar a sua honra, talvez, dando um sermão religioso em Efigênia pelo seu pecado de adultério e que ela perdoe Lustosa pelo seu crime, visto que ele “só” quis defender a sua honra. A menção à quartinha é uma estratégia para reforçar sua posição e apelar à compreensão do vigário.

Quando Lustosa menciona “o senhor não vai negar por causa de – perdoe a má palavra um par de culhões e meia dúzia de porretadas, não é?” (Gurgel, 2003, p. 116), ele está se referindo a sua justiça através da vingança e fala como se não fosse nada demais, visto que ele acredita estar certo e acha que o vigário vai compactuar com esse pensamento por ele está defendendo o seu casamento. Assim como Hamlet acredita que está fazendo justiça em se vingar matando Cláudio “A vingança será justiça quando o vingador for um príncipe.” (Shakespeare, 2014, p. 165). Ambos personagens possuem motivações parecidas, visto que são movidos pelos mesmos sentimentos, a única diferença é o contexto das situações que são diferentes.

No final da carta, Lustosa termina com um toque de humor, mencionando palavras fortes e a promessa de uma esmola para a continuação da capela. Essa abordagem persuasiva e direta é semelhante à retórica usada por Hamlet em suas interações. Dito isso, Lustosa utiliza estratégias persuasivas em sua carta, assim como Hamlet faz ao encenar a peça dentro da peça para revelar a culpa do rei Cláudio para todos. Ele planeja a encenação da morte do rei: “Eu vou observar o rei. Se ele mostrar qualquer culpa, eu vou pegá-lo com a isca.” (Shakespeare, 2014, p. 143). Nessa passagem, Hamlet explica seu plano para confirmar a culpa de Cláudio durante a apresentação teatral.

Visto isso, então podemos ver as cartas de Lustosa como uma alusão a peça que Hamlet encena, visto que Lustosa busca convencer as pessoas de que a culpa pelo crime é de Efigênia e Protásio, assim como Hamlet faz em querer desmascarar Cláudio em público. Tanto as cartas de Lustosa, quanto a encenação da peça de Hamlet, são exposições do ponto

de vista deles, onde eles buscam convencer as pessoas e justificarem os seus atos de perseguição por justiça e vingança.

Uma das cartas é endereçada ao alcaide municipal, Lustosa fala com o juiz da cidade e diretamente coloca a culpa do crime em Efigênia e Protásio, ele tenta persuadir o juiz para que ele tenha empatia com sua situação, inclusive, insulta Efigênia e faz pouco caso de Protásio:

Mas, conforme já deve ter sabido a eminente autoridade, houve um destempero na vida deste humilde eleitor e correligionário. Efigênia - minha mulher e sua afilhada – perdeu a linha (a vergonha) e eu flagrei a dita enrolada com Protásio que, como é do vosso nobre conhecimento, comercia com bananas. (Gurgel, 2003, p. 116)

Em sua carta para o juiz, vemos a loucura de Lustosa e sua obsessão em querer estar certo a qualquer custo. Apesar disso, assim como Hamlet, Lustosa usa a loucura de forma hábil, ele sabe que Efigênia é afilhada do juiz, então ele apela para o pessoal e diz que ela “perdeu a linha (a vergonha)” (Gurgel, 2003, p. 116), como forma persuasiva de que a culpa foi dela. Além disso, ele faz pouco caso do trabalho de Protásio, que era comerciante de bananas, querendo justificar o seu crime, pois Efigênia o trocou por alguém em uma situação financeira menor do que a dele, mais uma vez colocando a culpa na mulher.

Algo semelhante pode ser visto em *Hamlet*, visto que o príncipe também condenou e quis culpar a figura feminina em algumas situações. Há uma fala famosa em que Hamlet expressa sua decepção com a mãe, a rainha Gertrudes. Ele a acusa de fraqueza por não ter esperado o luto do pai e já se relacionar com Cláudio, dizendo: "Fragilidade, teu nome é mulher!" (Shakespeare, 2014, p. 28). Além disso, no Ato III, Cena I, Hamlet também condena Ofélia, acreditando que ela é tão traiçoeira quanto a mãe, o que contribui para o colapso mental de Ofélia e seu eventual suicídio. Dito isso, ambos protagonistas se sentem traídos por figuras femininas.

A próxima epístola de Lustosa é para o poeta e carteiro (mensageiro) da cidade, Everaldo. Na presente epístola, Lustosa fala de negócios com Everaldo, nessa conversa já é possível ver Lustosa planejando reconstruir a sua vida, tendo um certo otimismo que tudo dará certo:

Sou hoje um homem de posses. sendo assim, gostaria de ter uma conversa com o trovador para, de viva voz, fazer-lhe a proposta de escrever uns versos sobre o acontecido (que provocou lágrimas e também sangue) no recesso de meu lar. isto, para o meu próprio regalo e sem direito a domínio público. (Gurgel, 2003, p. 118)

Lustosa se apresenta como um "homem de posses" (Gurgel, 2003, p. 118). Essa afirmação pode estar relacionada à sua honra e posição social, semelhante aos conflitos de honra enfrentados por Hamlet que é príncipe. A busca por uma conversa com o Trovador para escrever versos sobre o acontecido no recesso de seu lar também reflete a busca por

justiça e a preservação de sua honra. Além disso, Lustosa deseja falar com o Trovador pessoalmente, essa busca por comunicação direta é semelhante à relação entre o rei Hamlet (o mensageiro) e o príncipe Hamlet (receptor).

Percebe-se que, Lustosa é astuto, pois ele busca limpar a sua honra e capitalizar de uma vez só através das trovas. Assim, tirando proveito até mesmo de uma situação adversa, essa astúcia é muito similar à de Hamlet, que muitas vezes tira proveito do fato de se fingir de louco para ninguém desconfiar de seus planos, como no Ato III, Cena II durante a peça. Hamlet também busca limpar sua honra e lucrar ao mesmo tempo matando Cláudio, pois matando o tio, ele iria vingar seu pai e se tornar rei ao mesmo tempo: "Vou ver o rei. Se ele mostrar qualquer culpa." (Shakespeare, 2014, p. 145)

Destarte, Lustosa é muito parecido com Hamlet, ambos personagens são motivados pelos mesmos sentimentos, possuem características idênticas, buscam redenção e até fazem as mesmas coisas. Como já mencionado, Everaldo também é similar a Hamlet; mas não tanto quanto Lustosa. Durante o desenrolar dos contos, Everaldo começa a desempenhar um papel mais parecido com o do fantasma do rei Hamlet, o de mensageiro. Visto isso, Lustosa seria o Hamlet na contemporaneidade, onde a tragédia também ocorre com o homem comum, não apenas a grandes figuras como um rei ou um príncipe.

Depois disso, nos é apresentado a primeira fala de Efigênia no conto, onde ela diz "ele quer a quartinha? Pois ele vai ficar com ela. Posso até mandar pra cadeia..." (Gurgel, 2003, p. 119). Sabendo disso, diferente do que se esperava, Efigênia não faz questão nenhuma da quartinha, o que é estranho pela grande questão que Lustosa faz de querer o item. Por ser seu marido, Lustosa conhecia bem Efigênia, então ela poderia muito bem querer manter a quartinha com ela só pra contrariar ele como forma de vingança, mas isso estranhamente não acontece, a não ser que haja um interesse oculto de Efigênia da quartinha chegar às mãos de Lustosa com tanta facilidade.

Após essa fala de Efigênia, o editorial da cidade de Macatuba anuncia a morte súbita de Lustosa ainda dentro da cadeia. Além disso, é aproveitado o clima de luto para confirmar a morte de Mafisa que aconteceu há pouco tempo:

MACATUBA ESTÁ TRANSIDA DA DOR QUE SE ABATE SOBRE PONDERÁVEL PARCELA DE SUA OPEROSA POPULAÇÃO, COM O FALECIMENTO DO INDITOSO COMERCIANTE LUSITANO PLÁCIDO DO AMARAL LUSTOSA. DIR-SE-IA QUE ALGUM EVENTO TRÁGICO, DERIVADO DA IRA DOS DEUSES, ALGUMA PESTE, SAÍDA DE ALGUM DRAMA GREGO ESTÁ A SE ABATER SOBRE A NOSSA GLEBA; O AR PLÚMBEO QUE ENVOLVE COINCIDÊNCIA CLIMATÉRICA NA A NOSSA CIDADE, NOS FAZ PENSAR IGUALMENTE COMPUNGIDOS NO

DESENLACE DA MUI GENTIL E CORDATA DONZELA MAFISA ARRUDA,  
DESAPARECIDA HÁ TÃO POUCAS PÁGINAS... (Gurgel, 2003, p. 119-120)

O conto mais do que nunca evoca o tema morte nessa passagem, a morte súbita de Lustosa é uma quebra de expectativa pelo conteúdo dos escritos anteriores. Porém, a fala de Efigênia sobre enviar a quartinha para cadeia é um grande indício da tragédia que estaria por vir. O que Lustosa mais quis, a quartinha, foi a causa de sua morte, assim como a busca de justiça de Hamlet o levou à morte. Além disso, a menção à "mui gentil e cordata donzela Mafisa Arruda que desapareceu há poucas páginas" (Gurgel, 2003, p. 119-120), confirma a morte de Mafisa por envenenamento, fato que evidencia ainda mais os vestígios hamletianos no conto. Na passagem, muito se contribui para a atmosfera de morte, como a descrição da cidade de Macatuba como "transida da dor" (Gurgel, 2003, p. 119-120) e o uso de palavras como evento trágico e desenlace evocam um tom sombrio e melancólico. A menção à "ira dos deuses" e à "saída de algum drama grego" (Gurgel, 2003, p. 119-120), remete à mitologia e à tragédia clássica, como a mitologia grega e as peças de Shakespeare. Além disso, a morte repentina de Lustosa é um elemento comum em tragédias, incluindo *Hamlet*. Em adição, o uso de termos como "inditoso" (Gurgel, 2003, p. 119-120), sugere um mistério ou segredo por trás desses eventos. Destarte, esses elementos são semelhantes ao clima trágico de *Hamlet*.

No que tange a evidência desses elementos em *Hamlet*, Hamlet expressa sua angústia diante das circunstâncias trágicas na fala "Ó, que horror! O que é um homem, se a nobreza de sua própria vida o faz se sentir como um verme? Que estranha e amarga é a natureza humana!" (Shakespeare, 2014, p. 125). Além disso, a morte repentina de Lustosa é similar a morte do rei Hamlet por ser um evento misterioso e central para a trama, Hamlet suspeita de traição e corrupção após a morte de seu pai quando diz "Há algo de podre no reino da Dinamarca" (Shakespeare, 2014, p. 50).

No que diz respeito à mitologia e tragédias clássicas, na seguinte passagem, Hamlet questiona a natureza humana, como os antigos filósofos gregos faziam: "O que é um homem, se o seu principal bem e interesse da vida não passa de dormir e comer?" (Shakespeare, 2014, p. 195). Referente às tragédias clássicas, Hamlet usa o teatro como uma metáfora para revelar a verdade: "O teatro é a coisa em que capturamos a consciência do rei" (Shakespeare, 2014, p. 145). Dito isso, é notável a presença dos vestígios hamletianos no conto.

O próximo escrito que narra o conto é um bilhete de Efigênia que foi encontrado nas mãos mortas de Lustosa. O bilhete foi enviado junto a quartinha que estava cheia de "água serenada" que na verdade estava envenenada, o bilhete dizia:

Agora, vou ser irmã-de-caridade. Nem dormi ontem. Chorei com arrependimento de quem errou e espero que esse último gesto meu possa servir para diminuir nossa vergonha. Aí vai, por mão de confiança, a quartinha que enchi com água serenada, revendo pela barriga que parece até que está chorando, como nós. (Gurgel, 2003, p. 121)

Ao analisar o trecho, Efigênia expressa arrependimento e sofrimento por seus erros, semelhante à angústia de Hamlet. A referência à água serenada, que possui veneno, traz a ideia de vingança e morte, temas presentes na tragédia de Hamlet. A quartinha com água serenada é uma clara alusão ao vinho envenenado que aparece no Ato V, Cena II, de *Hamlet*, o vinho envenenado causa a morte de Gertrudes mãe de Hamlet e logo após, o príncipe força seu tio Cláudio a provar do seu próprio veneno.

Efigênia menciona enviar a quartinha por "mão de confiança" (Gurgel, 2003, p. 121), mas essa confiança é quebrada ao envenenar a água. Isso é uma evidência das traições e enganos presentes na trama de *Hamlet*, como quando Cláudio envenena o vinho durante o Ato V, Cena II, da peça. Além de, a atmosfera de morte e melancolia ser semelhante à de *Hamlet*, a comparação da barriga da quartinha com lágrimas e o uso de palavras como "chorando" e "nós" criam uma atmosfera sombria e emotiva, semelhante à linguagem usada em *Hamlet*, tais como: "combatendo, dar-lhes fim? Morrer; dormir; Só isso." (Shakespeare, 2014, p. 136).

O último escrito é o testemunho do compadre Elpídio, pálido, testemunha auricular da ocorrência: "Lustosa urrou feito um bezerro desmamado. Antes e depois de beber um caneco desses de ágata, cheio da água serenada que Efigênia lhe mandara, na quartinha da florzinha." (Gurgel, 2003, p. 121). Sabendo disso, Elpídio era compadre do casal e pessoa de confiança, provavelmente é inocente, Efigênia foi quem envenenou a quartinha para se vingar de Lustosa por ele ter dado uma surra nela e ter matado seu amante Protásio.

Lustosa foi inocente em não desconfiar de Efigênia, da mesma forma que Hamlet foi inocente em ter aceito o duelo durante o Ato V, Cena II, da peça: "Eu aceito a proposta com um coração aberto." (Shakespeare, 2014, p. 208). Embora Hamlet aceite o duelo, ele não faz isso com a intenção de ser desonesto ou de buscar vingança de maneira injusta. O envenenamento foi a causa da morte de ambos os protagonistas, eles foram enganados e traídos, morrendo cedo e deixando muitos planos para trás. Porém, morreram pelo o que tanto buscaram: fazer justiça com as próprias mãos.

Enfim, o conto "Por uma quartinha com Água serenada" possui vestígios hamletianos como loucura, morte, vingança e justiça, assim como os outros contos analisados "Pela hora da morte" e "Um mensageiro"; mas esse é o mais semelhante à *Hamlet*. Tarcísio Gurgel,

trouxe elementos do clássico *Hamlet* da tragédia elisabetana para a literatura potiguar, as diversas similaridades, metáforas, simbolismos e alusões a *Hamlet* evidenciam isso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico pesquisou analisar os vestígios hamletianos tais como: loucura, justiça, vingança e morte nos contos contemporâneos de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel. Muito foi feito durante a elaboração dessa pesquisa e há bastante coisas para se refletir, como impressões da pesquisa; os problemas enfrentados; passos que levaram aos resultados obtidos; objetivos estabelecidos no início da pesquisa; resultados alcançados e perspectivas futuras.

Ao concluir a pesquisa, é difícil não elogiar a qualidade e originalidade do texto de Tarcísio Gurgel. De forma genial e convincente, Gurgel conseguiu trazer elementos da tragédia clássica *Hamlet*, tais como: a loucura, a justiça, a vingança e a morte, e os efetuou na contemporaneidade do interior do Nordeste Potiguar, um feito louvável. Sem contar que Gurgel trouxe sua própria identidade ao texto, caracterizado pela economia verbal e humor ácido, contrastando com o excesso verbal e seriedade de *Hamlet*.

No que tange os problemas enfrentados, o principal problema que motivou a elaboração deste trabalho, foi a falta de ciência do fato das obras possuírem semelhanças e de que *Os de Macatuba* possui vestígios hamletianos, isto fica claro ao analisar a obra, porém poucos tem noção disso. Entretanto, ao ler alguns contos de *Os de Macatuba*, tais como: “Pela hora da morte”; “Um mensageiro”; e “Por uma quartinha com água serenada”, acabamos com o problema de falta de notoriedade sobre os vestígios hamletianos presentes nos contos, visto que as semelhanças, metáforas, alusões e temas entre as obras são tantos, que facilmente qualquer leitor mais atento irá perceber as interconexões entre as obras. Principalmente no que tange a tragédia e seus vestígios hamletianos como, loucura, justiça, vingança e morte. Além disso, a elaboração desse trabalho também é uma forma de elevar o texto de Gurgel.

No que diz respeito aos passos que levaram aos resultados obtidos, foram feitas as leituras das fontes primárias e secundárias, sendo a leitura e reflexão das fontes secundárias para a fundamentação teórica que embasa a análise literária dos vestígios hamletianos em alguns contos de *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel; E a leitura e interpretação das fontes primárias, sendo a leitura e a interpretação do livro *Os de Macatuba* para identificar e evidenciar os vestígios hamletianos presentes nos contos selecionados do mesmo, e a leitura e interpretação da peça *Hamlet*, de William Shakespeare, para comprovar a autenticidade das evidências com trechos da própria peça.

Em adição, houve também a coleta de dados textuais das fontes para serem utilizados na análise. A análise foi feita através de trechos das fontes, onde foram interpretados e analisados fragmentos de contos selecionados de *Os de Macatuba* que apresentam vestígios hamletianos tais como: a loucura, a justiça, a vingança e a morte. Para comprovar a autenticidade e que esses vestígios são originários de *Hamlet*, foram interpretados, evidenciados e analisados fragmentos da peça que mostram isso, resultando que as interconexões entre as obras não são mera coincidência.

Refletindo sobre os objetivos estabelecidos no início da pesquisa, o objetivo geral estabelecido foi: analisar elementos hamletianos nos contos “Um mensageiro”; “Pela hora da morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, presentes em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, com vistas a identificar vestígios como a loucura, a morte, a vingança e a justiça. E os objetivos específicos em suma, foram: (a) Identificar as características hamletianas nos contos contemporâneos citados; (b) Estabelecer as semelhanças e as diferenças nos temas mencionados entre as obras *Os de Macatuba* e *Hamlet*; (c) Interpretar os símbolos e as metáforas utilizados nos contos mencionados considerando os aspectos de *Hamlet* que evidenciam a influência do drama elisabetano na narrativa potiguar.

Dito isso, refletindo sobre esses objetivos estabelecidos no início da pesquisa após o término da mesma, é no mínimo plausível afirmar que foi possível analisar os contos “Um mensageiro”; “Pela hora da morte” e “Por uma quartinha com água serenada”, presentes em *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, e identificar vestígios hamletianos nos contos como a loucura, a morte, a vingança e a justiça. Também foi concebível estabelecer as semelhanças e diferenças nos vestígios hamletianos que os contos de *Os de Macatuba* compactuam com *Hamlet*. Além disso, os símbolos e metáforas utilizados nos contos que evidenciam a influência do drama elisabetano na narrativa potiguar, foram interpretados de forma crível.

Ressaltando os resultados alcançados na pesquisa, não coincidentemente, todos os três contos aqui analisados terminam com uma tragédia digna de Shakespeare. Em “Pela hora da morte”, a “morte” figurativa de Netuno é tão trágica quanto o destino de sua mãe, visto que ela vai morrer também; Em “Um Mensageiro”, a morte de Mafisa ocorreu de forma silenciosa, sem precisar ser dito uma palavra sequer, tendo ciência que o fato que motivou seu suicídio foi uma carta. No último conto de *Os de Macatuba*, “Por uma Quartinha com Água Serenada”, a morte de Lustosa foi a pior, por ele ter sido traído e enganado duas vezes por sua amada Efigênia.

Sabendo disso, nas diversas mortes e tragédias que ocorrem em *Hamlet*, é possível ver personagens que tiveram destinos no mínimo parecidos com estes dos contos de *Os de*

*Macatuba*. Vale salientar que Tarcísio Gurgel não economiza palavras para descrever os cenários típicos do interior Potiguar, como os copos de alumínio e bacias de água nas cozinhas das casas; entretanto, economiza palavras para descrever as tragédias, como dito por Gilberto Mendonça Teles (2003), enunciando-as e logo "calando" a repercussão das mesmas como o silêncio de *Hamlet* na solitude do texto literário.

Outrossim, foi observado que os principais vestígios hamletianos como a loucura, justiça, vingança e morte, são praticamente uma fórmula que gera a tragédia, ou seja, eles se complementam mutuamente para a concepção da tragédia nas obras. Tendo início, meio e fim como um ciclo trágico, esse ciclo ocorreria assim: a manifestação da loucura faz com que o indivíduo busque por justiça, então a justiça é feita através da vingança e essa busca por vingança leva a inevitável morte. Esse ciclo acontece tanto em *Hamlet*, quanto nos contos de *Os de Macatuba* aqui analisados. Fato que reforça a influência da tragédia elisabetana na literatura Potiguar.

Dito isso, as similaridades entre ambas são notáveis; mas a principal diferença é a época em que foram escritas as obras. Quando *Hamlet* foi escrito (entre 1599 e 1601), a tragédia era atribuída a grandes figuras como príncipes, reis, heróis e semideuses. Isso pela visão de mundo da época, de que apenas alguém "poderoso" poderia ter o que perder e que os infortúnios da vida ocorrem até mesmo com o maior dos homens, geralmente esse infortúnio é uma fatalidade dos deuses, como se o roteiro tendesse a isso, e a plateia se comove com a tragédia, gerando catarse.

Em vista disso, na época em que *Hamlet* foi escrito, a tragédia não teria o mesmo impacto se ocorresse com um homem comum, pois não comoveria tanto a plateia e não passaria uma mensagem e moral da história convincente, é justamente o ciclo de início da jornada de um grande homem, seu ápice e sua queda que gera a culminância da catarse. Para confirmar essa fala, Aristóteles, em sua obra *Poética* (2002), discute que a tragédia clássica deve tratar de um personagem que é de grande estatura ou nobreza, alguém cujos erros e quedas provocam uma sensação de temor e piedade. O sofrimento de um homem comum não teria o mesmo efeito; a grandeza do personagem é necessária para gerar uma catarse completa. Reforçando que o roteiro da tragédia clássica tem a forma de uma elipse para baixo.

Em contrapartida, quando *Os de Macatuba* foi escrito, já na contemporaneidade (1975, primeira edição), a tragédia começou a ser atribuída ao homem comum, visto que é mais fácil se identificar com esse tipo de personagem, pois é algo que pode acontecer com qualquer um, ainda mais com os diversos problemas da vida cotidiana na contemporaneidade. Tarcísio Gurgel, atribui a tragédia a pessoas comuns de uma cidade fictícia no interior potiguar, tais

como: uma mãe e um filho na flor da idade, uma mulher solteira e um homem casado. Algo muito mais perto da nossa realidade contemporânea do que um rei ou um príncipe da Dinamarca.

Visto isso, esses resultados validam a originalidade e a relevância da obra *Os de Macatuba*, de Tarcísio Gurgel, na literatura brasileira, visto que a proposta de Tarcísio é original pela sua estética potiguar e seu estilo próprio de linguagem. Além disso, os vestígios hamletianos interpretados evidenciam que a obra tem como raízes a tragédia Shakespeariana *Hamlet*. Com os resultados obtidos, esperamos contribuir para o reconhecimento e a valorização da obra de Tarcísio Gurgel no âmbito da literatura brasileira e universal.

Tendo perspectivas futuras, muito ainda pode ser feito em relação ao tema, visto que a tragédia ao homem comum é frequente na literatura contemporânea. O ciclo trágico de loucura, justiça, vingança e morte ainda pode ser explorado em obras contemporâneas, principalmente na literatura Potiguar que é tão rica. Outros contos presentes em *Os de Macatuba* poderiam ser analisados, já que o livro se trata de uma coletânea com mais de dez contos. Entretanto, diferentes obras de Tarcísio Gurgel, quiçá de outro autor Potiguar, também poderiam ser analisadas com vistas em evidenciar vestígios hamletianos ou de distintas tragédias clássicas.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de S. H. Butcher. São Paulo: Editora Abril, 2002.

CINTRA, Rodrigo Augusto Suzuki Dias. **Uma dimensão trágica do poder e da justiça: Shakespeare e Maquiavel**. 2011. 313 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CORROCHE, Pablo do Couto. **Uma análise sobre a manifestação da loucura na obra Hamlet, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare**. 2013. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FABRIS, Emily. **A vingança sob duas perspectivas: análise comparativa da vingança nas obras Hamlet, de William Shakespeare, e Assassinato no Expresso do Oriente, de Agatha Christie**. 2018. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2018.

FERNANDES, Pedro. **Tarcísio Gurgel**. 2008. Disponível em: <<https://www.blogletras.com/2010/06/tarcisio-gurgel.html>>. Acesso em: 28 maio 2024.

GURGEL, Tarcísio. *Os de Macatuba*. 3. ed. Natal: CLIMA, 2003. Publicado originalmente em (1975).

MACEDO, Helton Rubiano de. **Escritores potiguares**: atos éticos em enunciados sobre a criação literária. 2018. 287 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

*Oxford Languages University Press*. **Sobre a Oxford University Press**. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 31/07/2024.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Literatura como instrumento de discussão acerca da morte**. Psicologia da Educação, São Paulo, n. 41, p. 115-128, dez. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução de Millor Fernandes. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

TELES, Gilberto Mendonça. O Maktub de Macatuba. In: GURGEL, Tarcísio. **Os de Macatuba**. 3. ed. Natal: CLIMA, 2003.

VARELA, Dailor. TEXTO DE DAILOR VARELA PARA AS ORELHAS DA 1ª EDIÇÃO. In: GURGEL, Tarcísio. **Os de Macatuba**. 3. ed. Natal: CLIMA, 2003.